

Crónica Açores: uma circum-navegação

DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
Volume 3 um diário quase autobiográfico

(CRÓNICAS 2005-2018)



J. CHRYS CHRYPELLO 2005-2018

CRÓNICA 20. ADOLESCENTES. 19 maio 2006

*“A estrada para o inferno é pavimentada de advérbios”
Mark Twain (1835-1910), escritor norte-americano*

A maior dos pais de jovens e adolescentes costumam enfrentar a situação desconcertante de terem filhos que, por um lado, se comportam irresponsavelmente, sem dar importância às coisas que teoricamente lhes deveriam interessar e, por outro lado, sentem-se devastados pelo peso dos estudos, pela incerteza do futuro ou por pequenos reveses do quotidiano. Em vários aspetos parece que nasceram sabendo tudo. Por outro lado, são incapazes de enfrentarem minúsculos contratemplos. **“Estou deprimido”** é uma expressão recorrente nesta geração paradoxal. *Inconsciência Crónica com um excesso de preocupações. Da banalidade despreocupada à angústia paralisante.*

Como é possível, interrogam-se os pais e educadores, que uns jovens tão pouco dados a levar a vida a sério se tornem em vítimas quando veem as coisas malparadas. Estarão a exagerar? Não se tratará antes dum estratégia de autodesculpa, um recurso para obterem compaixão e evitarem terem de atuar como é costume? Tudo leva a crer que não é assim. Poucas vezes se trata de excesso de birras e de espanto de crianças malcriadas tentando comover os adultos assustadiços a fim de conseguirem levar a sua por diante.

Aumentou substancialmente na última década o número de consultas de adolescentes nos serviços de urgência psiquiátrica. Num Hospital de Barcelona as estatísticas indicam em primeiro lugar as alterações de conduta, seguidas das crises de ansiedade com quase 25% do total de casos. Se acrescentarmos os 15% de tentativas de suicídio teremos de admitir que se trata dum problema grave e crescente: intolerância à frustração. Muitos jovens não aguentam os reveses pois não foram treinados para os enfrentarem. Nasceram sobreprotegidos, acostumados a conseguirem da família mais próxima tudo o que querem, falta-lhes a experiência de sentirem necessidades ou de passarem pela penúria, carecendo de defesas face às dificuldades.

Os adolescentes naufragam no trajeto entre a infância almofadada que nada exigiu em termos de sacrifícios e um futuro erigido de obstáculos. A geração paterna apenas tem para lhes oferecer a perpetuação do estereótipo. A sobreproteção e a permissividade excessivas fizeram deles dependentes, sem autonomia quando se trata de fazer planos, de tomar decisões maduras e de confrontarem os seus problemas.

Já se disse e redisse até à saciedade, e com um certo fundamento, que os pais das últimas décadas estão a criar inválidos, sem recursos para enfrentarem um mundo regido pela competitividade e pelos elevados padrões de exigência, quer a nível laboral quer profissional, como ainda nas relações interpessoais e na integração social.

Como é possível, interrogam-se os pais e educadores, que jovens tão pouco dados a levar a vida a sério se tornem em vítimas quando veem as coisas mal paradas. Estarão a exagerar? Não se tratará dum estratégia de autodesculpa, um recurso para obterem compaixão e evitarem terem de atuar como é costume? Tudo leva a crer que não é assim. Poucas vezes se trata de excesso de birras de crianças malcriadas tentando comover os adultos assustadiços a fim de conseguirem levar a sua por diante. Não será, porém, justo adotar o discurso de serem os pais culpados, como acontece hoje com a maior parte dos diagnósticos sobre o mal-estar da juventude e a desventura da adolescência. As famílias - apenas em parte - são culpadas da irresponsabilidade dos filhos que acabam por pagar com angústias a sua vida mole e não adianta colocar mais esse peso nos ombros dos pais que atuaram movidos pelo carinho, mesmo que este se tenha revestido de formas erradas. A maior parte dos jovens deprimidos deixou de buscar apoio e cumplicidade nos amigos como acontecia até há pouco tempo, quando se refugiavam dos pais cheios de defeitos, mas mais eficazes a gerirem a segurança emocional que é necessária nesses momentos.

Muitos especialistas estão de acordo sobre o facto de as causas da intolerância e da frustração nas idades jovens estarem intimamente ligadas aos valores propugnados pelos meios de comunicação. Quando, desde a nasença, um jovem recebe através do televisor mensagens incessantes sobre o consumo fácil, o êxito assegurado e a felicidade gratuita, não é descabido pensar que alguém os incapacitou para enfrentarem a dura realidade e esse alguém não foi nem o pai nem a mãe, incapazes de negarem os seus caprichos. Foram esses meios de comunicação capazes de enganar e de manipular as mentes dos seus recetores consumidores. A televisão (ou a publicidade que dirige como uma soberana implacável os conteúdos e as formas das suas mensagens) é o agente principal dessa frustração. Que capacidades de enfrentar os problemas podem ter aqueles que durante os anos mais recetivos das suas vidas foram metralhados a todas as horas com promessas de felicidade virtual, de satisfação através do consumo, de êxito imediato, com visões da vida pintada como um show de diversões que nunca termina? O discurso mediático e mercantil alimenta uma falta de maturidade que só se revela quando a realidade nua e crua mostra a sua face e o jovem constata que nada é como lhe disseram, criando um desajustamento causador de insatisfação e ansiedade extrema.

Assim como nos anos 60 e 70 se falava da geração rebelde, nos anos 90 foi a geração Prozac, agora dá a impressão de termos chegado à geração da frustração. Nem poderia ter acontecido doutra forma, mas a evidência não resolve o problema nem serve de consolo. Quando os nossos adolescentes dizem que estão agoniados e deprimidos estão na maior parte dos casos a falar a sério, sofrendo a sério muito mais do que possamos imaginar.¹ É a propósito deste trecho que convém fazer algumas constatações mais comezinhas. A atual geração não passou por nada em termos de privações familiares como a geração de “baby-boomers” a que pertença nascida no pós-guerra (entenda-se 2ª Grande Guerra). A geração rebelde que, no fim dos anos 60, se revoltava contra o status quo na França e contra a guerra colonial em Portugal tinha algo contra que lutar. Vivia melhor que a geração de seus pais em termos de conforto e de posses económicas, mas era arrastada para projetos militares que nada lhes diziam e aos quais se opunham porque queriam tomar parte na construção da História em vez de serem arrastados como nota de rodapé para essa mesma história tal como acontecera aos seus pais. Numa conferência sobre educação e sobre conflitos de gerações, o médico inglês Ronald Gibson começou a conferência citando quatro frases:

1) *A nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, troça da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Os nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem aos seus pais e são simplesmente maus.*

2) *Não tenho nenhuma esperança no futuro do nosso país se a juventude de hoje tomar o poder amanhã, porque essa juventude é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível.*

3) *O nosso mundo atingiu o seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais seus pais. O fim do mundo não pode estar muito longe.*

4) *Esta juventude está estragada até ao fundo do coração. Os jovens são malfeitores e preguiçosos. Jamais serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter a nossa cultura.*

Após ler as citações, satisfeito com a aprovação dos espetadores revelou a sua origem:

- A primeira é de Sócrates (470-399 a.C.)
- A segunda é de Hesíodo (720 a.C.)
- A terceira é de um sacerdote do ano 2.000 a.C.
- E a quarta escrita num vaso de argila descoberto nas ruínas da Babilónia (atual Bagdad) com mais de 4.000 anos de existência.

Aos que são pais: RELAXEM, pois sempre foi assim... graças a deus! Depois chegou o 25 de abril e as liberdades misturaram-se inicialmente com as libertinagens em que tudo era permitido e os jovens dos anos 70 e 80 nasceram com o rei na barriga, nada era proibido, tudo era permitido e assim sendo podiam almejar a uma sociedade sem classes em que todos tinham acesso ilimitado a todos os bens e seriam felizes de então e até todo o sempre.

As crises económicas que atravessaram o mundo não se fizeram sentir demasiado nesta Europa Ocidental (exceção feita à crise do petróleo de 1972) e a máquina da publicidade assenhoreou-se da televisão e demais órgãos de comunicação social moldando aquilo que hoje temos em casa ou que dela saíram há pouco. Por mais que lhes tenhamos dito que a vida era feita de sacrifícios eles não passaram pelas nossas experiências dolorosas, nem as viram nem as sentiram. Frequentar uma universidade não era um apanágio de elites, nem mesmo frequentar universidades privadas era já considerado elitista. Os cursos facilitaram o acesso a canudos que ainda tinham a fama de servirem para distinguir entre os que vencem na vida e os outros, embora na prática começasse a ser diferente. As classes sociais esbateram-se e o grande fosso entre os que tinham e os que não tinham passou a ser uma memória do passado. Claro que como pais fizemos o que nos competia dando o máximo de bens materiais aos nossos filhos, já que no nosso tempo não tínhamos tido livre acesso aos mesmos. Aproveitámos também para nos rodearmos desses mesmos bens e deixamos de poder viver sem eles. Parecia uma sociedade de abundância e parecia não haver limites ao que os nossos filhos podiam aspirar a ter. a pressão dos pares a nível social e movida pela insaciável máquina da publicidade ajudou-nos a comprar tudo e mais alguma coisa.

Só que quando a árvore das patacas seca, i.e., quando os filhos saem de casa dão-se conta que as pequenas coisas têm um custo e a vida está feita de pequenas coisas, o que os irrita profundamente porque quando chega a altura das grandes coisas já não há dinheiro para nada. Como crianças mimadas que são em vez de lutarem por trabalhar mais e ganhar mais queixam-se, entram em depressão e sofrem, mas apáticos ficam na inação em vez da ação e deprimem-se anda mais. Para eles tudo é um direito divino que compete aos pais satisfazer e quando

¹ <http://servicios.elcorreodigital.com/vizcaya/pg060514/prensa/noticias/Sociedad/200605/14/VIZ-SOC-046.html> Traduzido de José María Romera, Ilustração: Martín Olmos, Fonte: Pág. 92 de El Correo 14/5/06

os progenitores não podem ou não querem continuar a alimentar essa ilusória vida fácil a que os habituaram eles sentem-se traídos pela sociedade e pela família. Mas o que eles não sabem (ou pretendem ignorar?) é que um dia irão ter de pagar pelas dívidas que o mundo e a sociedade dos seus pais lhes deixaram, porque então aí sim teriam razão para se sentirem deprimidos, mas ainda não chegaram lá e não se preocupam.

Parece a história deste país que habito, mas não é.

CRÓNICA 31 - DOS DIAS DE FINADOS À MINHA INFÂNCIA, 1 novº 2006
31.3. A TRETA E INVERDADE

Os alunos não passam e a taxa ou o PISA indicam que Portugal está atrasado? Então vamos passar os alunos todos e a taxa melhorará...

Os alunos não aprendem? Vamos reduzir e simplificar os cursos ao denominador mínimo comum para que todos passem e possam ser doutores.

Que interessa que os nossos licenciados não se empreguem nas áreas da especialidade, que os cursos nada tenham a ver com a realidade e com o mundo do emprego? Criem-se mais cursos, novos diplomas e façamos disto um país de doutores que a taxa ainda está baixa. Mais regra da treta.

Ainda sou do tempo em que a verdade bem contada podia arruinar a carreira de qualquer pessoa, hoje nem uma mentira bem contada afeta seja quem for...

CRÓNICA 32. DO PAÍS QUE ÉRAMOS, EXPULSÃO DOS JUDEUS, IBERISMO, 1º DEZº 27 novº 2006
32.1. DO PAÍS QUE ÉRAMOS...SOMOS.

Que diria hoje, Manuel Laranjeira deste país? Provavelmente concordaria que isto é um país de fachadas, de novo-riquismo republicano a imitar os fidalgos de antanho, falidos, mas vestidos com as suas melhores roupas a passearem na Baixa para inveja do povolêu. ... Povo de brandos costumes, come e cala, porque quem cala consente, sempre assim foi e neste país e continuará a ser. A revolução que falta fazer nunca mais chega.

O ensino que temos é uma lástima, mas, propositadamente, escolhem-se os professores para bodes expiatórios da crise, e se bem que muitos mereçam ser punidos, a maioria come por tabela. Em vez de se extirparem os culpados, aplicam-se as novas medidas draconianas para os incumpridores e para os outros, os que se esforçam e cumprem, mesmo sem ambiente de trabalho apropriado, sem condições físicas ou materiais para exercerem a sua profissão, e receberem de prémio a honra de serem vilipendiados como prémio da sua dedicação.

Entretanto como os miúdos não gostam de Filosofia, Matemática e outras coisas sem relevância, o melhor a fazer é cortar essas disciplinas e seu peso curricular. Os editores agradecem, pois sempre são mais uns livritos a imprimir para os encarregados de educação comprarem. Depois, em vez de porem as crianças a gostar da língua e da gramática inventaram a TLEBS, coisa muito fina, própria de doutores, esquecendo-se que a TLEBS é boa para os filólogos e estudantes do ensino superior que se dedicam àquela área específica da língua. Vai haver uma certa dificuldade porque no ensino do Francês, Inglês e doutras línguas não se podem ensinar aqueles palavrões porque essas línguas se esqueceram de adotar a TLEBS, claro está que a França e a Inglaterra (como todos sabem) são países de analfabetos que não percebem nada de linguística e ninguém lhes disse que Portugal inventara a TLEBS.

Depois da caça ao funcionário público, que é uma figura muito odiada na sociedade, não pelas suas funções, mas pela inutilidade das mesmas, como sempre foi apanágio de décadas de governação desde o Estado Novo salazarista, surgem umas ameaças veladas de que se irá fazer cumprir a lei fiscal para a banca (que vem acumulando lucros fenomenais à custa de todos nós) mas acaba tudo em águas de bacalhau, como convém a um país que vai ter de deixar de o comer, agora em vias de extinção como ovas de esturjão, ou o caviar servido nos banquetes oficiais, em vez dos bem típicos e portugueses bolos de bacalhau.

No estrangeiro os nossos governantes impressionam todos com a fluência linguística em vez de falarem bom português. Os líderes franceses e ingleses promovem respetivamente a Francofonia e a Anglofonia e nós tememos nesta pequenez mental que se assemelha ao tamanho do país lutar pela Lusofonia pois as ex-colónias podem ofender-se... Ninguém faz nada com o facto de o português ser a sexta língua mais falada no mundo. A figura do Zé-Povinho aplica-se agora ao pacóvio do governante português quando vai à estrangeira. E de sabujice estamos ditos.

CRÓNICA 40 DA EDUCAÇÃO, DA RELIGIÃO, DO 10 DE JUNHO. 9 junho 2007

40.1. INDUCANDO

Tenho andado preocupado com o que se passa neste país à beira-mar prantado, e com a educação dos portugueses. Há um número crescente de docentes impreparados. Por aquilo que já observara nos alunos da minha mulher enquanto habilitara professores, no triénio que lecionara na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se. O erro começou com o fim da vetusta Escola do Magistério e com a criação das Escolas Superiores de Educação. Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos, sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência. Mais uma boa ideia no papel que não funcionou na prática, mas serviu para aumentar os rendimentos das instituições que os ministravam.

Hoje, o ensino primário e secundário é demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...A tabuada era fascista? A obsessão hodierna é com as más notas da OCDE, da EU e do sistema PISA. Isto implica a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los. Neste caso, deparam-se com uma escalada aos Himalaias ou o equivalente a uma tese de mestrado para preenchimento de relatórios.... Isto vai permitir que personagens iletradas, analfabetas cheguem à universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos. Assim se formara um primeiro-ministro no jardim à beira-mar plantado. E a Ministra da educação também? Tantos do governo e da oposição obtiveram assim os "canudos". Ninguém lhes dissera que poderiam ter tanto ou mais valor, mesmo sem "canudo"?

Quase ninguém sabe escrever uma composição daquelas que eu ortografava na velhinha terceira classe. Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos...afinal estamos na era SMS, mensagens de texto incompreensíveis para a maioria dos mortais nascidos antes de 1980? Na Nova Zelândia já aceitam respostas a testes em linguagem textual...em Portugal há demasiados professores avessos a novas tecnologias. Grassa também uma total falta de respeito pelos professores, a que muito ajudou o governo e a sua campanha de denegri-los como bode expiatório. Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas. Mesmo depois de baterem nos professores, ou ameaçarem-nos com armas, verdadeiras ou de imitação, continuam a ir às aulas. No jornal Público² a 5 de junho 2007 surgiu uma carta ao editor do escritor micalense Daniel de Sá, da vizinha Maia:

Assinar de cruz

Como se prepara um aluno de Língua Portuguesa para exames em que terá de fazer apenas umas cruzinhas? Com testes do mesmo modelo? Poderá assinar de cruz, caso não saiba escrever o seu nome? Nunca vi nenhuma dessas famosas provas, mas gostava de saber como são. Arrisco uma hipótese, a propósito daquele soneto de Camões que acaba assim: "e eu, gritando: Dina.../ antes que diga Mene, acordo e vejo / que nem um breve engano posso ter." (Nem nós. Mas o ministério parece que sim.) Será talvez da seguinte maneira, por exemplo.

Pergunta: "Como se chamava a amada de Camões?" Resposta múltipla: "1) Dina; 2) Mene; 3) Dinamene".

Ou então, como interpretação do que acabara de fazer D. João V no lançamento da primeira pedra do Convento de Mafra, segundo José Saramago. Lembram-se? ("pode vossa majestade subir, cuidado não caia, que o resto do Convento nós o construiremos, e agora podem ser postas as outras pedras"). Do possível teste: "Que pôs D. João V para início do Convento?" Resposta múltipla: "1) uma luva; 2) A mão da Rainha; 3) uma pedra."

O atual sistema de ensino deixa cada vez mais Convento para construir. Há um ror de anos, um rapaz da minha ilha, praticante de halterofilia, estava muito próximo de conseguir os mínimos olímpicos. O peso que ele levantava correspondia à categoria imediatamente inferior àquela a que pertencia. Por isso não treinou para se tornar mais forte, mas fez dieta para emagrecer. O caso é real e o atleta acabou por não ir ao Oriente. Portugal irá a algum lado com tanto faz-de-conta? - Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores

Logo, [num fórum privado], uma professora jovem com poucos anos de tarimba, declarou em tom magistral:

Portugal pode, algum dia, chegar a algum lado, mas não me parece ser através do sistema de ensino atual.... Este tipo de provas de que fala só tem servido para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa. Em meu nome pessoal e das centenas de professores desiludidos com o sistema, agradeço ter dado voz à nossa voz através da carta que escreveu. - Assinado CCC

A seguir, outra escrevia:

² de que me não canso de dizer fui um dos fundadores e se bem que me não reveja nele atualmente, continuo a rotina diária de o ler

Está uma delícia essa carta! Eu ainda cheguei a escrever bastantes testes destes no Canadá. Aprendia-se depressa a reconhecer a resposta certa: era geralmente a opção mais comprida ou a última, portanto me atrevo a dizer as respostas me parecem ser: Dinamene e pedra. Estarei certa? -) -Um abraço, IJ

Foi então que não resisti e dei voz à minha indignação pela prática recorrente em Portugal de todos criticarem, sempre *ex-cathedra* sem, no entanto, se aperceberem de que a culpa muitas vezes assenta que nem uma luva nos que criticam. Aqui vai a minha resposta:

Portugal pode um dia, chegar a algum lado, e isto nada tem a ver com o sistema de ensino atual...o ensino bom ou mau, com umas ou outras regras, será sempre aquilo que os professores forem ou quiserem ser. Há professores desiludidos com o sistema, é certo, mas a maioria tem dezenas de anos de trabalho e de dedicação pelos quais se podem lamentar. Há outros, porém, que agem contra as normativas ministeriais portuguesas porque lhes retiram "privilégios" ou "mordomias" e os obriga a fazerem "formação" coisa horrenda que todos detestam, esquecendo-se de que em países ditos civilizados as pessoas fazem formação até morrer, mesmo bem depois de reformados (não estou só a falar da minha pátria australiana, mas de outros países). Claro que nem toda a formação será a que mais interessa, mas há sempre a que cada professor ou pessoa pode escolher independentemente de ser mandatada pelo ministério. Vê-se aliás como os professores em Portugal são avessos a formação ou investigação científica (a menos que se repercuta em saltos de carreira ou interesses pecuniários). Tive a oportunidade de o constatar ao longo dos últimos anos com a repetida ausência de docentes (do primário, secundário ou terciário, fossem da área de Português ou não) nos Colóquios da Lusofonia. Cada pessoa, professor ou não tem a obrigação de ir para além do que o ministério manda, pois, a sua principal obrigação não é para com o ministério que lhe paga, mas com os alunos que tem de educar, é daí que surge o étimo magistério...caso contrário deve dedicar-se a outra atividade profissional menos exigente ou para a qual tenha mais vocação.

Assim como nem todos podem / devem ser pais / mães, nem todos deviam / podiam ser professores... Este tipo de provas de que falam para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa, pode mostrar muitas coisas, mas a falta de literacia de muitos professores (no passado seria diferente) anda de mãos dadas com a de muitos alunos... Estamos todos desiludidos com o "sistema" (aliás a palavra veio de um dirigente desportivo) mas poucos fazem além de se queixarem. Nos meus tempos ainda se lutava contra a guerra colonial e outras coisas importantes, mas atualmente já ninguém luta por nada, embora todos lutem contra tudo e todos... Esquecem-se os queixosos de que muitas vezes a revolução deve começar por nossas casas antes de chegar à sociedade, e se não investimos na tal formação (só por mero gozo pessoal ou vontade de nos melhorarmos) não iremos longe, seguiremos a pisada dos nossos iletrados e incultos políticos que tão bem nos dirigem, como os pastores conduzem os seus rebanhos de cordeiros. (Portugal é uma carneirada, que me desculpem os carneiros).

Falemos agora das provas de escolha-múltipla: Uma decisão necessária, em qualquer tipo de teste, refere-se aos tipos de pergunta (ou item) a utilizar. A escolha não é arbitrária, dado que cada tipo apresenta vantagens e desvantagens. Deve o professor na elaboração de testes de conhecimento selecionar criteriosamente o tipo de pergunta a utilizar, consciente das implicações da escolha feita, em termos de adequação aos fins em vista, vantagens comparadas com outros tipos de pergunta. Quanto ao tipo de item: escolha-múltipla - permite avaliar comportamentos situados em todos os níveis das taxonomias de objetivos educacionais. Sendo, entre os itens de tipo objetivo, o único que permite avaliar aprendizagens complexas, é o tipo de pergunta objetiva mais conhecido e utilizado em toda a parte. E cito: "Pela mão de especialistas é possível elaborar perguntas de escolha-múltipla que requerem processos mentais sofisticados de várias ordens" (Gage e Berliner, 1975: 800) e volto a citar: "Muitos críticos do tipo de item "escolha-múltipla" sublinharam que apenas requer do aluno o reconhecimento e não o conhecimento ou a construção da resposta correta. Sugerem que o reconhecimento é uma forma elementar de comportamento e que muitos alunos capazes de reconhecer as respostas curtas num teste não saberiam aplicar, na prática, o que aprenderam. De um modo geral, os resultados da investigação não confirmam esta afirmação. Vários estudos em que foram comparados testes objetivos e testes de composição mostraram que os testes objetivos conseguem prever o desempenho geral do aluno na composição, aproximadamente tão bem quanto a pouco fiável classificação de um teste de composição o permitiria" (Choppin, 1988: 357).

Ora vamos lá ver se será assim tão fácil:

A determinação dos contextos em que se desenvolve o ato educativo resulta (indique a resposta FALSA)

- A. da influência da instituição escolar na definição dos papéis sociais dos alunos e professores.*
- B. da imposição de normas decorrentes da organização do sistema educativo.*
- C. do controle das representações sociais exercido pelos órgãos de gestão.*
- D. dos modelos de gestão assumidos pelos responsáveis escolares.*

Entretenham-se que eu prometo dar a solução...Chrys,

A Ministra pode de facto ser a besta-quadrada que muitos dizem que é, mas conheço professores que precisavam deste tratamento, ou seja, o mal é que muita gente entrou na profissão porque não sabia fazer mais nada e não tinham emprego em sítio algum, ergo, foram para professores. Coitados dos alunos e dos pais. Muitas almas continuam a questionar por que razão anda pelas ruas da amargura o ensino em Portugal (anda assim nos EUA, na Austrália, no Reino Unido, e em outros países). Os problemas já vêm dos meus tempos de escola:

Programas extensos, maus, e impreparados pedagogicamente para a sociedade em que se inserem. Manuais desprezíveis, alterados ciclicamente para manterem o lóbi dos seus editores.

Disciplinas a mais e a menos, com cargas horárias erradas. O crime de retirar a Filosofia, a despromoção da História, a falta de ênfase no Português e na Matemática como cadeiras nucleares de todo e qualquer ensino.

Um número crescente de professores mal-preparados e por aquilo que observei nos alunos da minha mulher enquanto ela preparava professores no triênio em que estive na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se.

Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência.

O ensino primário e secundário demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...

A obsessão com as más notas da OCDE e da UE e a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los e se deparam com um mestrado em preenchimento de relatórios.... Isto permite que personagens iletradas, analfabetas cheguem assim à Universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos ou escrever uma composição daquelas que eu escrevia na minha velhinha terceira classe.

A predominância no Ministério da Educação de "mentes brilhantes" formadas na linguagem a que se chama "eduquês" e é politicamente correto para impressionar o parolo, ou como dantes se dizia num francesismo típico "pour épater le bourgeois," que é aquilo porque todos aspiram "serem bourgeois", mais prosaicamente "para inglês ver" que nisto de impressionar os estrangeiros é conosco...

Esses brilhantes funcionários, eternos românticos de pedagogias gastas e inadequadas, botam faladura que ninguém entende, criam novas terminologias para que todos se impressionem com a sua inteligência opaca e baça e dão palmadas nas costas (uns dos outros) pelo seu arrojo e coragem em mudar... por isso é que a educação mudou mais vezes desde que nasci do que muita gente muda de camisa numa vida inteira (mas isso de ensinar a higiene não deve ser feito nas escolas...para não maltratar o amor-próprio das criancinhas).

Pelo que atrás resumi, e por tanto que poderia acrescentar, afirmo que no tempo da velha senhora qualquer pessoa que completasse uma 4ª classe, um 5º ou 7º do Liceu evidenciava competências e saberes, sabendo ler e escrever, e os profissionais (juizes, médicos e outros) eram mais competentes (mesmo amordaçados pela censura), habilitados a desempenhar as funções sem alguém duvidar do seu percurso e preparação científica, técnica e intelectual. Bem sei que então um exame de Inglês (técnico ou não-técnico) não se fazia por fax, nem com aulas privativas de reitores nominais, nem ao domingo em universidades de "faz-de-conta" que depois de graduarem os alunos, encerram-se por decreto. Não se cancelam os títulos de "faz-de-conta" que já emitiram, a ministros, membros do governo e da oposição. Será que alguém sugeriu ao primeiro-ministro que se fosse bom e competente não precisava de "canudo"? Naquele tempo, os que não estudavam eram excluídos do sistema escolar e iam mais cedo para a tropa e guerra colonial. Hoje arrastam-se pelas salas de aula para maltratarem professores, para não estudarem nem deixarem estudar, pois há de haver sempre um programa profissionalizante ou similar para lhe dar umas luzes e que pomposamente o habilitam a estragar a nossa canalização, a não saberem servirem num café, ou em qualquer outra das atividades a que se dedicarão. Mas não me digam que um bom professor não consegue - mesmo contra estas adversidades - fazer algo dos alunos, porque casei com uma professora que o consegue. Não quero acreditar que seja a única, nem que seja a exceção (sei que não será a regra) e assim como ela consegue outros poderiam se se dessem ao trabalho de tentar.

No dia 8 de agosto de 2008, na cerimónia de inauguração das Olimpíadas, todos tinham os olhos grudados na TV. Um momento inesquecível. Os chineses capricharam na solenidade e mostraram toda a pujança do seu povo.

Esqueçamos, por instantes, os direitos humanos. Eles mostraram os grandes inventos que legaram à humanidade. Não mostraram a repressão violenta, a brutalidade e o "esquecimento" dos direitos humanos e não só no Tibete. A contribuição, como povo, ao desenvolvimento da raça humana, e, o que está sendo feito agora. A busca incessante para sair do atraso e mostrar-se como a nova potência do mundo.

Mas o recado foi dado com grande precisão e beleza.

Chamou a atenção e despertou uma enorme emoção, a passagem em que os chineses mostraram uma professora e seus alunos.... Poderiam ter destacado o peso de sua arquitetura, antiga e moderna. Poderiam ter feito apelo aos profetas e filósofos de todos os tempos. Poderiam ter insistido mais no ballet, na dança, na cultura oriental, riquíssima e milenar. Não. Esses chineses são malucos! Foram mostrar uma professora e seus alunos! Estava aí a chave para compreensão da "coisa". Ninguém consegue desenvolver um país sem investir maciçamente em educação. Não é apenas uma questão de mais recursos. Não são precisos discursos, decretos e leis, insistindo que acreditamos no futuro de nossa juventude. Se calhar ainda aprendem a tabuada em voz alta e memorizam as coisas

para nunca as mais esquecerem. Nada do “faz-de-conta” português, com muitos programas, muitos nomes e abreviaturas sonantes, cheios de regulamentos e normas que ninguém lerá.

Na China aprendem pintura. Levam cinco anos na alfabetização. Tocam piano. Jogam xadrez. Fazem da escola um lugar de amizade e vida... Os chineses têm razão. Há lugar para a professora e seus alunos nesta festa das Olimpíadas. Como pensar o futuro da humanidade, sem escola, sem professora?

Elementary... e simples, my dear Watson.

CRÓNICA 42 DOS AÇORES A BRAGANÇA VAI O VOO DUMA SATA (o ensino aprendizagem também é isto), julho 3-9 2007

Há dias assim, uma pessoa levanta-se e é noite cerrada. Lembro-me (num passado não muito distante) de quando isto era a regra. Trabalhar das 8 e meia às cinco, mudar de emprego e de chapéu até à hora de jantar e depois trabalhar até às duas ou três da manhã para, logo a seguir, lá pelas sete estar, de novo, a pé... Na época era um mero escravo do trabalho, ou como sói dizer-se em português politicamente correto, um trabalhólico. Desta feita, acordar de noite deve-se a uma circunstância única, a de acompanhar os alunos da minha mulher numa visita de estudo, mais propriamente à minha benquista Bragança. Nunca crianças, que não as minhas, me haviam obrigado a este toque de alvorada, tão a despropósito que não sou cuidador de vacas como os meus vizinhos.

*Itinerário dia 20 junho 06.30 h - Lomba de S. Pedro - Ponta Delgada (aeroporto)
12.15 h - (Locais) - Chegada ao Porto
12.30 h - Partida para Bragança em Autocarro
13.10 h - Paragem almoço em Penafiel - a cargo dos alunos ou levam o almoço
16.00 h - Chegada a Bragança, paragem na Residencial
17.00 h - Visita ao Mercado Municipal e ao Cibercentro*

Cheguei ao aeroporto João Paulo II, ou da Nordela, em Ponta Delgada, já a minha mulher estava à frente da fila de crianças impacientes, irrequietas e palradoras, aguardando a vez. Coloquei-me, com o meu filho mais novo, noutra fila, pois sabia que a demora ia ser grande a processar bilhetes de identidade e cartões de contribuinte de 21 crianças e três adultos. Dentro do avião, eram 09:10, algazarra enorme, confusão maior ainda, perante o sorriso condescendente dos comissários de bordo. Fez-se silêncio ao levantar voo, logo acompanhado de ais e uis quando o aparelho se inclinou após ter deixado o solo. Para muitos, esta não só era a primeira viagem de avião, como a primeira saída da ilha que os viu nascer. Para a maioria, a viagem (quijá única) será um marco nas memórias que tempo algum jamais obnubilará, pois estão condenados a ficar na ilha, a casar, ter filhos e a tratar de vacas para o resto das vidas, logo que acabem os estudos a que os forçam.

Ao aterrar, pelas 12:10, verificou-se a usual salva de palmas para o piloto, este é um costume açoriano muito peculiar, mas que, no caso vertente, nem teve razão de ser pois foi uma das piores aterragens que já fiz Seguiu-se a corrida e o espanto ao longo dos metálicos corredores do futurista aeroporto Sá-Carneiro no Porto. Não pude deixar de esboçar um sorriso quando os vi, parados e embasbacados junto à área que ostentava no ecrã a indicação de Bordéus... Alguém os redirecionou para a correta, a correrem para o carrossel de bagagens.

Saíram, pelas 13:00 horas, para o autocarro da autarquia, o vozear ensurdecedor, e milhentos toques de telemóvel a avisar as famílias que tinham aterrado em segurança, como decerto Vasco da Gama gostaria de ter feito ao desembarcar em Cochim nos idos de 1498. À autoestrada não prestaram grande atenção, mas admiraram-se dos prédios que circundavam a rodovia na saída do Porto. Passados quarenta minutos, que pareceram uma eternidade, paragem para um almoço volante na área de serviço de Penafiel, onde compravam tudo o que podiam na loja de conveniência e gastavam dinheiro nas inúmeras maquinas de jogos que ali existem...o tormento da viagem feita, ora sob calor ora sob céu encoberto e chuviscos, ia durar até Vila Real onde se aperceberam de que a distância de Bragança ao Porto é quatro vezes o comprimento da maior ilha açoriana, S. Miguel. Seguiam-se as incessantes perguntas sobre quanto tempo falta, a uma cadência de dez em dez minutos. Eram 16:20 ao chegar a Bragança num dia semiencoberto, mas sem frio. Lá descarregaram as bagagens para os quartos e começou o tormento do velho elevador da residencial, acabado de descobrir por crianças que raríssimas vezes terão visto semelhante endrômina. Depois de acomodados, os professores (três) que os acompanhavam levaram-nos ao Mercado Municipal e ao Cibercentro. Após o obrigatório banho (muitos desconheciam ser uma rotina diária) iam os jovens bem cheirosos (como se fosse dia de festa) a caminho do restaurante, onde iriam deparar com comida que nunca tinham visto e sabores desconhecidos sem a habitual pasta de pimentão e outros temperos típicos de S. Miguel.

A algazarra durou todo o jantar e - duma forma ou doutra - acabaram por fingir comer a sopa de legumes, o prato e a sobremesa que lhes caíra na rifa. Eu aproveitei para ser visitado por alguns amigos que aproveitaram

a pausa do jantar para trocarmos curtas palavras. Acabado o jantar, os professores levaram-nos ao Centro Comercial o que para muitos foi uma experiência rara, dado que ainda raramente se deslocam da sua residência a Ponta Delgada, onde existe o maior Centro Comercial da Ilha de S. Miguel. Embora o Centro Comercial do Nordeste Transmontano seja mais pequeno, que o seu congénere micalense, fez as delícias de todos até à hora do fecho.

Recolhidos aos quartos, a agitação parecia não ter fim, com portas a abrirem e a fecharem, os conluios noturnos da primeira noite fora da alçada paterna, a motivarem intervenção mais enérgica dos professores a fim de não incomodarem os restantes habitantes da residencial que também tinham direito a descanso.

dia 21 junho 09.00 h – Comboio turístico

10.00 h - Visita à Sta. Casa da Misericórdia, Escola Dr. Diogo Albino de Sá Vargas, Lar 3º Idade

11.00 h - Visita à Feira Municipal

12.30 h – Receção pelo Sr. Presidente da Câmara

13.00 h - Almoço (Sta. Casa da Misericórdia)

14.30 h - Parque Natural de Montesinho. Visita a Rio de Onor e à aldeia preservada de Montesinho

Na manhã seguinte, ainda a sala dos pequenos-almoços não tinha aberto e já lá estava a maioria dos 22 jovens ávidos de saírem. Primeiro foi um passeio no comboio turístico pela cidade, cerca duma hora, e curta deslocação (cerca de dez minutos a pé) até ao complexo da Sta. Casa da Misericórdia de Bragança, onde após visita às instalações, lhes foi proporcionado um pequeno concerto coral pelos alunos da escola de música da Misericórdia, gravado pela RTP local. A excitação de fazerem parte dum programa televisivo aumentou nalguns decibéis a agitação geral, a que se seguiu depois duma passagem pelas cinco salas de aula do 1º ao 4º ano uma visita ao Museu Etnográfico Dr Belarmino Afonso, onde se depararam com utensílios agrícolas distintos dos dos Açores.

Na sala da esquerda podia ver-se como se fazia o pão, fotografias mostravam o ciclo do pão e algumas peças que se usavam para fazer este alimento. Uma funcionária explicava as máquinas antigas que moíam a farinha e que era o processo de fabrico mais demorado do “Ciclo do Pão”. De seguida viram como se fazia a massa do pão e os fornos e desenhos das crianças sobre o ciclo do pão. Na sala do centro via-se um carro de bois ao lado da estátua do fundador. Lindas antiguidades, como o tear onde se faziam tapeçarias de linho e algodão. Apreciada igualmente a mosqueira, onde se guardava a comida, protegendo-a dos insetos. Viu-se também uma casa velha, com um baú com vestidos antigos e outras roupas, carteiras de pele antigas, bancos e escanos. Também se observou a planta do linho e o que se podia fazer com este material: toalhas, camisas de dormir e lençóis já colocados numa cama. Ali perto estavam umas cântaras de barro que serviam para ir buscar água ao poço.

Para muitos foi a primeira visita a um Museu, a que se seguiu a ida à feira municipal (que se desloca a Bragança três vezes ao mês, a 3, 11 e 22). Durante hora e meia os sacos acumulavam-se nas compras desenfreadas. Depois numa correria para os Paços do Concelho onde o Presidente da Câmara aguardava a oportunidade de dar as boas-vindas aos jovens, na primeira visita oficial duma delegação açoriana ao município bragançano. Foi passado um vídeo sobre o distrito, oferecidos livros de banda desenhada sobre Bragança e os mais novos puderam fazer perguntas ao edil. Após este ato solene, seguiu-se o almoço, com os alunos da primária da escola da Misericórdia. A maioria estranhou a comida e comeu mal, mas alegremente. Seguiram para um autocarro dos STUB (transportes públicos urbanos da Câmara) que os levou à extremidade oriental do Parque de Montesinho.³

O que dá a este Parque características únicas no país é a forma como ao longo dos séculos as populações souberam integrar-se harmoniosamente na paisagem, apesar das peculiaridades geoclimáticas⁴.

Passado Guadramil chegaram a Rio de Onor, onde se divertiram com o falar dialetal local, a diferença nas pessoas, casas, usos e costumes e a excitação de passarem a fronteira para o Reino de Espanha. Mais compras, e centenas de fotos depois, regressaram à estrada com paragem na aldeia preservada de Montesinho, terra de ótimo mel e belezas naturais com inúmeras casas de Turismo Rural. Já no regresso a Bragança uma paragem em França. Um dos alunos, já farto de tanto andar de autocarro, que as distâncias aqui não se assemelham às da ilha micalense, quando lhe disseram que ia a França perguntou “depois de tantas horas a andar de autocarro ainda vamos a França? E a que horas vamos regressar?” Esta paragem motivou inúmeras fotografias e várias cenas cómicas,

³ Com uma superfície de 75 000 ha, 9 000 habitantes distribuídos por 92 aldeias, tem elevações arredondadas e vales profundamente encaixados, com altitudes entre os 438 e os 1481 m onde as aldeias, aninhadas em pontos abrigados e discretos, passam despercebidas aos olhos do visitante ocasional. Povoadas há milénios, conserva vestígios arqueológicos em aldeias com toponímia de antigos nomes de fortificações castrejas; outras, antigas propriedades rurais, exibem nomes de origem germânica, atribuídos pelos Visigodos, que conservavam o costume romano de dar às “villas” o nome do “dominus” ou proprietário. Após a formação da nacionalidade, uma das primeiras preocupações dos soberanos foi povoar o reino, através da distribuição de terras a fidalgos e à Igreja, e criarem um sistema de “forais” coletivos, já que as rudes condições geográficas e sociais desses tempos exigiam que toda a organização do espaço dependesse da vida em grupo. Ainda hoje, as estruturas económicas e sociais das aldeias conservam hábitos comunitários. A área das serras de Montesinho e Coroa foi escolhida para Parque Natural em 1979 por reunir condições em que é visível a integração harmoniosa do homem com o meio-ambiente. sendo das maiores áreas protegidas de Portugal

⁴ http://www.cm-braganca.pt/pagegen.asp?SYS_PAGE_ID=496563

como a da mãe duma aluna ao telefone a perorar que não tinha autorizado a filha a deslocar-se a tantos países...quando recebeu MMS da filha fotografada na placa da pequena aldeia transmontana.



[e quem te autorizou a ir a França?](#)

Divertiram-se imenso e aprenderam que não é apenas na Sibéria que há estepes pois na zona de Montesinho ela existe, pois, este Parque Natural reúne três tipos distintos de vegetação e de geografia que vão do extremo do planalto mirandense aos montes e vales mais profundos das serras de Montesinho e Coroa. Foram vários os rios atravessados e lembre-se que não há rios nos Açores...tudo era novidade, ávida e sofregamente digerido pelos jovens. Após o regresso, o banho e o jantar seguido de nova incursão ao "shopping". As cenas habituais da demora em adormecerem e acalmarem, as trocas de quarto e as habituais provocações intersexos próprias da idade.

dia 22 junho 08.45 h - Visita à Cidadela, ao Castelo e Museu Militar
11.30 h – Museu da Máscara
13.00 h - Almoço (Sta. Casa da Misericórdia)
16.00 h - Partida rumo a Macedo de Cavaleiros – Lago e Barragem do Azibo e Porto
20.00 h - Chegada aeroporto Porto (jantar bar aeroporto ou avião)
00.30 h - Chegada à Maia

O dia amanheceu mais quente e lá estava o autocarro da Câmara à espera dos jovens para os levar ao Castelo, onde se deliciaram com outras eras, no magnífico Museu Militar⁵.

E provável que, tão próximo da fronteira, se tenha construído uma linha defensiva, no reinado de D. Sancho I (dador do 1º foral em 1187). D. Dinis, nos fins do séc. XIII, teria mandado construir o primeiro castelo (mais um "castelo novo" dos muitos edificadas no seu tempo). Em 1377, reinava D. Fernando, a "Vila" já estava totalmente cercada. A fonte ou "poço do Rei" e os panos de muralha devem datar do séc. XV, reinado de D. Afonso V. É sobre este castelo que se constrói o que hoje podemos ver (as obras, iniciadas em 1409, com D. João I, só terminam 40 anos depois). Seguiu-se uma curta passagem pela Igreja de Sta. Maria, pela Domus Municipalis e a visita ao recém-inaugurado Museu Ibérico da Máscara e do Traje instalado na Cidadela. No acervo estão objetos de 29 localidades, 18 de Trás-os-Montes e 11 da província de Zamora. Em exposição permanente 60 máscaras, 45 trajes e um percurso da máscara em Portugal e Espanha, com 46 artesãos.⁶

Este era já o terceiro Museu em dois dias e provavelmente mais do que irão ver no resto das vidas, condenados que estão a seguirem as pisadas ancestrais de cuidadores de vacas e de domésticas mães de filhos destinados à lavoura. Esta foi decerto uma viagem que lhes irá ocupar as mentes por tempos infindos abrindo novos horizontes e quiçá levando-os a almejar por voos mais altos. Depois do almoço, foi o regresso com a paragem obrigatória na Catedral do Dragão para os amantes do F. C. do Porto e a descoberta do trânsito em hora de ponta na VCI rumo ao aeroporto. O regresso ao torrão natal fez-se sem sobressaltos com um grande número de pais esperando os filhos à chegada já pela meia-noite para as horas de narrativas sem pausa que se iriam seguir.

Curiosamente eram 22 os jovens à partida e 23 à chegada, porque o meu filho resolveu trazer de lá o amigo dos tempos de Bragança, Stefan Pais, para aqui passar uns dias. Ele lá veio, temeroso com a sua primeira saída

⁵ Não há certeza concreta, quanto à data da criação do Museu. Contudo julga-se que terá ocorrido entre 1928 e 1933. A 30 de maio 1933, foi um louvor ao então Comandante do Regimento de Infantaria n.º 10, Coronel António José Teixeira, onde lhe era atribuída a "criação e organização do Museu Militar de Bragança como repositório das relíquias gloriosas que dizem respeito ao Exército". Organizou e implantou em três salas do último piso da Torre de Menagem um pequeno Museu. Com a extinção em 1958 do Batalhão de Caçadores n.º 3, junto do Castelo, o espólio foi transferido para o Museu Militar de Lisboa. Em 1979, deu-se a extinção da última Unidade militar sediada em Bragança. Em 1981, o CEMGFA, General Ramalho Eanes, encarregou o Diretor do Museu Militar de Lisboa de proceder à reinstalação do antigo Museu Militar de Bragança. O antigo acervo existente foi significativamente ampliado, ficando constituído por um total de 14 salas de exposição, inaugurado em 22 de agosto de 1983. Atualmente o Museu ocupa 16 salas, distribuídas pela cripta e quatro pisos. Do terraço pode desfrutar-se de uma vista deslumbrante, podendo observar-se Bragança, grande parte do Parque Natural de Montesinho e algumas serranias espanholas, cobertas de neve, durante meses ao longo do ano. Os expositores apresentam a evolução do armamento, desde a armaria dos séculos XIV, XV, XVI, ao armamento ligeiro dos sécs. XVI ao XX. É dado relevo às ações militares relevantes dos Bragançanos, nas Invasões Francesas, Campanhas de 1895/96 em Moçambique e 1ª Grande Guerra 1917-19185. As ameias, os torreões e as altas escadarias tudo despertava o interesse, inicialmente centrado nas lendas da Torre da Princesa a que não podiam aceder.

⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Ib%C3%A9rico_da_M%C3%A1scara_e_do_Traje_museu_inaugurado_em_2007

do seio materno e paterno, restritivo. Educado e nascido na Suíça, viveu metade da sua vida de 12 anos em Bragança. Fez a primeira viagem de avião e portou-se bem sem grandes medos. Deveria ter ficado até dia 6 de julho, mas acabou por permanecer até 17, tendo ido a todos os principais locais dos percursos turísticos da ilha, e várias vezes à praia, era sempre aí que queria ir, dada a ausência de praia no nordeste transmontano...aguentou-se bem e satisfeito, embora nos últimos dias estivesse com saudades dos pais e irmã. Foi o feliz contemplado com umas férias de Bragança aos Açores, que jamais esquecerá, assim como em sentido contrário, os restantes 22 jovens.

Ficamos satisfeitos por termos proporcionado estas alegrias aos jovens. Esperemos que as preservem e cuidem delas.

CRÓNICA 47 DOIDOS. novembro 2007

47.3. DO ENSINO AO JORNALISMO, CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS AMESTRADOS

É importante, e há muito que ando a dizer nos labirintos esconsos das minhas conversas (se bem que ninguém me leia e ninguém me ouça): o ensino em Portugal (tal como a democracia) segue um rumo globalizado de privatização. No futuro, haverá um acesso universal ao ensino, de má qualidade e sem grande futuro. Em alternativa o ensino privado, levando algumas pessoas a engrenagens de dívidas perenes e endividamento sem hipótese de sair desse círculo vicioso. Entretanto, as elites com poder de compra irão optar por escolas privadas, donde sairão os futuros dirigentes da nação que optem por não irem para o estrangeiro. Ter-se-á assim um país, e um mundo, a duas velocidades. A das massas, antigo proletariado, com melhores condições que na Ditadura, ostentando títulos académicos sem que isso represente emprego ou profissão duradoura. A das elites (à semelhança dos tempos da outra senhora) terá o privilégio de nomear os seus eleitos para todos os níveis de chefia a partir do intermédio.

Mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental. Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, e com o programa “Novas Oportunidades” vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que pensam, não vai deixar de os ter, vai ter analfabetos com diplomas. Nada disto é à toa, nem birra.... Já acontece nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias que custam tanto ou mais que universidades privadas.... Teremos um país dos que têm e dos que não têm. Ninguém se preocupa com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal). Ninguém perde o sono ou o apetite, pelos sem-abrigo, que se propagam mais depressa que coelhos, nas ruas das cidades esvaziadas de Humanidade, autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser “gentrificadas” para dar origem a condóminos de luxo. Os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP. O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino será a coutada de férias dos ricos e poderosos.

Decidi não mais comprar a habitual dose de livros de ficção. A realidade excede-se e torna-se mais inverossímil que a ficção. No pequeno jardim à beira-mar plantado, as liberdadezinhas vão sendo ameaçadas e cidadania é sinónimo de coragem. Há uma crise das instituições que ninguém ousará negar. A própria democracia do 25 de abril resvalou para a pura demagogia. É encabeçada pelos discursos gloriosos do onnipotente e intocável líder. O tal que fez um curso universitário por faxe num domingo. E assinou projetos de casas de emigrantes construídas em cima de pocilgas de porcos, sem saneamento. Nenhum mal veio ao mundo pois nem era proibido nem ilegal. Os representantes eleitos estão, sem ideias e sem horizontes, que não sejam os dos benefícios pessoais e dos seus mais próximos colaboradores. Esta teia intrincada de corrupção e nepotismo coloca em causa a democracia. Os ataques à liberdade começaram há muito com a autocensura, imposta pelos poderes económicos que dominam os meios de comunicação. Depois, seguindo um processo a nível mundial, centrado no politicamente correto, assiste-se à criação artificial do ser imperfeito: agora é o fumador, daqui a uns tempos serão os obesos e depois os carnívoros.

Tudo isso será tão grave como não pagar impostos. As represálias irão sentir-se sobre os que exercem um mero ato de cidadania. Os jornalistas não ousam criticar ninguém a menos que “mandados”. Já não há espírito de missão nem a profissão pode ser levada a sério. Portugal nunca foi um país de “jornalismo de investigação,” agora ainda menos. A sociedade civil não se pronuncia e os jornalistas raramente o fazem. Os que querem ser esclarecidos contentam-se com o mundo “underground” dos blogues. O progresso tecnológico galopante, nas últimas décadas, permitiu a todos um acesso alargado à informação, mas estão menos informados e - na maior parte dos casos - incapazes de decifrar as torrentes de informação debitadas. Vive-se a miragem da multiplicidade de jornais e de canais. Os telejornais são decalcados uns dos outros, apenas os apresentadores e a ordem das notícias muda.

Os grupos económicos que dominam os meios de comunicação (e os meios livreiros) promovem um cartel monopolizador da “verdade”, onde a independência e isenção são palavras vãs que se arriscam - em qualquer

momento - a serem trucidadas. Os assalariados (leia-se jornalistas) se bem que hipoteticamente livres para escrever sobre qualquer assunto, de qualquer forma ou feito, só serão publicados se o conteúdo for conveniente aos interesses dos donos (leia-se patrões). Este tipo de censura é a pior. Cresceu incomensuravelmente nas últimas décadas e já me preocupava em meados de 80 na Austrália. É quase invisível. Mais brutal que o velho sistema do "lápiz azul" do SNI que eliminou 64 das 100 páginas do meu primeiro livro de poesia em 1972 (Crónica do Quotidiano Inútil) para ficar elegantemente reduzido a 32.

Agora, o quarto poder, a imprensa (escrita e audiovisual), na sequência do caso Watergate, deixou de defender as liberdades e direitos dos cidadãos. Já não faz denúncias, pactua e esconde-se sob a ameaça velada das leis que obrigam um jornalista a indicar fontes sob pena de ir para a cadeia. Os grandes grupos gabam-se de conseguirem eleger governos e presidentes e quando não o conseguem vale sempre a ajudinha da batota, como aconteceu com a eleição de George W. Bush graças aos votos da Florida (onde o irmão mandava). O homem que perdeu as eleições e teve menos votos, foi eleito para aquilo que se assistiu nos últimos oito anos. Ninguém sabe quantas guerras e milhares de mortos por causa dessas eleições. Em simultâneo, os grupos económicos que o apoiavam aumentaram desmesuradamente a influência, poder e lucros. Nem só de petróleo viveu a administração Bush.

Aqui vos deixo um alerta para a necessidade de acordarem. Todos. Mesmo os que têm a consciência escondida ou pesada, pelas atoardas com que diariamente vos metralham na comunicação social. É preciso haver jornalistas. Daqueles que nunca se calaram nem se vergaram ao peso do que era conveniente ou não dizer, sem olhar a atenuantes ou consequências. Têm - mais do que nunca - que ser arautos dos que não têm voz. Cada vez é maior o número dos desprovidos. Terão que ter uma probidade e ética inultrapassável para afrontar tudo e todos, sem encolher os ombros cómodos. Assim surgiu o deflagrar da Grande Guerra.

Hoje em dia já não há debates, mas fachadas de pretensa discussão, veículos de propaganda governamental da democracia "guiada". Este cinzentismo acéfalo e monocórdico da comunicação social foi enriquecido pelo aparecimento dessa droga legal chamada "imprensa cor-de-rosa". É soporífera e causa danos irreversíveis à mente humana. Nenhum governo se atreve a legisla-la, proibi-la ou sancioná-la. Pelo contrário, encontram nela um aliado na luta obscurantista em que estão empenhados, para que o povo pense que está a ser governado enquanto eles se governam. Resta o mundo subterrâneo para saber o que é importante. Quando os políticos falam não são eles, mas as agências de comunicação e os grandes grupos. Quer-se, teoricamente, um cidadão culto e educado, para ter a liberdade de fazer as suas opções em liberdade. Mas o que se criou foi um pateta manipulado. Pensa que vive em democracia e é livre, mas não passa de participante involuntário em uma fraude democrática. São esses os idiotas que votaram Sócrates, antecessores e sucessores. Os que se queixam de terem sido enganados. Como se diz em inglês "read my lips" ... O que o povo quer é ver as revistas com os escândalos dum pseudojetset e duma pseudonobreza sem sangue-azul, só fama fácil. O que o bom povo quer é mortes, violações, abusos, desgraças, inundações, incêndios, bombas, guerras e as tragédias longínquas, dos outros. As suas não lhe interessam.

O povinho (tão bem retratado por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, em imagens ainda atuais) quer ver as vergonhas dos outros para que não vejam a sua, "é *disto que o meu povo gosta*" como diria Pedro Homem de Mello, embora se referisse ao folclore... Assim se explica que a maior parte dos bons jornalistas portugueses se encontre desempregada sem ser por opção ou por reforma antecipada. Não eram fabricantes de notícias sensacionalistas para abrir o telejornal, empolando banalidades em transmissões diretas do nada. Nunca o país viu aumentar tanto e em tão pouco tempo o fosso entre ricos e pobres como nas últimas décadas. As pensões e reformas são das mais baixas da Europa, mas os Executivos portugueses ganham mais do que os seus milionários congéneres norte-americanos. Não se escreve sobre isto? Limitam-se todos a passar secretamente essas notícias em e-mails aos amigos.

Uma idosa que roubou uma peça avaliada em menos de quatro euros foi levada a tribunal pelo supermercado, e o filho do banqueiro Jardim Gonçalves (entre outros ladrõezinhos que existem por aí) nem sequer a tribunal vai? Claro, que o roubo de muitos milhões é investimento falhado e o de uns cêntimos é um crime de lesa-majestade. Gosto de escrever a palavra REVOLTEM-SE, mas podia ser considerado um crime de traição ou de apelo ao terrorismo, face às novas leis, pelo que me coíbo de o fazer.

Faltou frisar que a ideia da nova educação é fazer com que os professores estejam cada vez menos preparados e criem alunos ignorantes. É a teoria do mínimo denominador comum. Não interessa a nenhum governo uma população culta, educada e lida...depois era mais difícil regê-los. Segue-se uma nova versão da máxima salazarista "quanto mais ignorantes mais felizes..." ou como o amigo Daniel de Sá lestantemente me avisou, no seu formato original, a máxima de Salazar era: "*Um povo culto é um povo infeliz.*" Sejamos felizes, sejamos incultos. A razão de

todas as infelicidades reside na Santa Cultura que tanta dor pariu. Depois criam-se artificialmente novas castas (este país sempre foi um país de castas).

Primeiro, havia uma dicotomia entre professores primários, secundários e os universitários. Vasos não-comunicantes e estanques. Depois passaram os primários para professores do básico. Não lhes deram mais instrumentos de cultura e de formação, promoveram-nos no nome, título e casta. Fizeram isso com os do secundário e restava agora a dicotomia entre os do Politécnico e os das Universidades. Como não deram mais formação, nem preparação nem educação, os professores primários (e a minha mãe era-o) apesar de serem agora equivalentes aos antigos professores de Liceu continuavam com a velha mentalidade, impedindo o sistema de seguir e evoluir (as honrosas exceções que ainda existem e no ativo que me perdoem este desabafo). Sentem-se atacados quando os colegas que vêm de outros ramos do ensino e com outra formação académica os confrontam e, no entanto, eram professores primários capazes, mais que os atuais.

A ignorância e a falta de preparação dos professores atuais até doem. Já basta os programas que pouco ou nada ensinam (cada vez mais curtos, inúteis e fúteis para contrapor a asserção vigente no meu tempo de que aprendíamos coisas que não serviriam para nada). Claro que a falta de preparação dos professores aplicada na educação de massas, caracterizada pelo mínimo denominador comum, vai perpetuar o ciclo descendente de conhecimentos, e cada vez haverá mais burros nas fileiras. Isso é altamente importante para os políticos no poder. Quanto mais iletrados os professores e alunos, melhor serão conduzidos os dez milhões de cordeiros do rebanho. A educação é uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros.

Quanto a estruturas, o país tem demasiadas leis e incumprimentos a mais...para quê tantas leis se ninguém as cumpre? Quando as tentam impor, é duma forma arbitrária, bruta e cega de aderência à letra da lei e não ao seu espírito, ou então limita-se a uma mera caça à multa. Uma coisa é ter regras e normas. Outra é tentar impor leis a uma população impreparada e ignorante pela força bruta. Há ainda os lóbis fortíssimos dos médicos, farmacêuticos, advogados, desporto, etc. em quem ninguém toca e são corresponsáveis pela má saúde do país.

O que é preciso é primeiro civilizar [**leia-se DOMESTICAR**] o povo para se poderem impor regras e normas em vez de as impor à bruta sem se educar o povo, o resultado está à vista...vive-se numa Ditadura republicana, de esgares monárquicos, disfarçada de democracia. Tal como no tempo do *Hitler* só quando chegar à nossa porta é que nos daremos conta por onde nos levaram... As democracias só podem funcionar com gente culta e preparada e não com quase dez milhões de analfabetos.... Noutros países (na Austrália vi isso) fazem-se sacrifícios e o país avança e progride, aqui obrigam-se a sacrifícios e o país fica na mesma, só se trabalhou para a estatística europeia e não para criar riqueza. É o que acontece com a maioria dos empresários portugueses. Como escrevia *Mendo Henriques* (agosto 2008): “é altura de fazer a revolução e dar o poder a quem tem cultura e não a quem tem dinheiro”.

É tudo uma questão de visão, os portugueses têm-na tipo túnel (quando a têm). Outros veem mais longe e preocupam-se com o futuro. Aprendi imenso com os chineses. Foi a lição mais importante. Nunca me esqueço também do que mais me impressionara na aprendizagem com os aborígenes australianos: como sobreviver milhares de anos com uma cultura oral, sem escrita, sem posse de terras, sem matar (a não ser o que é necessário para a alimentação frugal, para preservar o meio-ambiente). Assim foram capazes de manter um segredo durante séculos (o crioulo de português que uma tribo manteve durante mais de quatrocentos anos).

O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos que falam muito e se queixam mais, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticarem o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles. O país continua diariamente a gastar muito mais do que produz. A hipotecar-se sem construir ou criar algo de produtivo. Esta irresponsabilidade coletiva será paga pelas gerações futuras, hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá. Os portugueses habituaram-se a ir de férias, pagando em dinheiro ou com cartão de crédito. Goze agora e pague depois, se não morrer antes. Não se importem com os que roubam à sua volta, sejam do governo ou da privada, pode ser que os invejem e gostassem de poder fazer o mesmo. Por outro lado, os que se aproveitam desta e doutras crises, os que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e os que orbitam nessas esferas continuam a ir aos stands de automóveis de desporto comprar Ferrari, Porsche etc. A maioria dos habitantes, da Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios. Abomina quem os tem. Se bem que poucos, existem alguns, que os preservam e perseveram. Se não são mais ouvidos, quando têm tempo de antena nas rádios e televisões, é porque os programas só são transmitidos quando todos dormem e apenas alcoólicos com insónia estão despertos.



CRÓNICA 50. O DESENSINO. 18-31 janº 2008

Podia começar esta Crónica com o comezinho incómodo das últimas semanas enquanto deitavam abaixo a casa centenária em ruínas aqui ao lado.

Podia começar com a remodelação governamental, mas não me apetece falar da política do jardim à beiramar prantado pois teria de mencionar a mais ridícula de todas as deliberações legais levada a cabo pela zelosa ASAE:

O milho para os pardais (ou galinhas) só pode ser vendido em sacos de 5 kg, nem mais nem menos...isto mesmo que para as velhinhas que só podem levantar 2 kg de cada vez, para darem às galinhas no pátio enquanto não são comidas na consoada em memória dos perus que já não comem. Um cronista da nossa praça dizia com razão que, a continuar assim, mais valera a ASAE acabar com as velhinhas...

Mas a razão por que não queria falar de política é que o Ministro Correia de Campos da Saúde (ou falta dela) ora demissionário (será o nome que dão aos despedidos ou demitidos?) andava a tentar rapidamente fechar o interior: começara pelas urgências e coisas com nomes esquisitos SAP, SAPU, VMR. Mas os desígnios eram mesmo fechar o interior para ficar como coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias.

Eram vários os começos que idealizei, mas acabei por esquecê-los. Neste interior pacato de S. Miguel, na costa norte com chilrear de passarinhos, vaquinhas a pastar nos campos verdes, ar puro, a luz falha frequentemente, mas quem precisa de Internet? Penso mandar cortar a luz e comprar candeeiros a azeite, a eletricidade é uma modernice desnecessária...

in Informativo-Notícia 2008-01-18 11:09:00 publicadas alterações ao Estatuto do Aluno em Diário da República

As alterações ao estatuto do aluno, de 2002, foram aprovadas com os votos contra de toda a oposição. O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário.

Este documento estipula que o prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, se o aluno estiver no primeiro ciclo, e do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino. O estatuto do aluno, introduzido em 2002 no Governo PSD - CDS/PP, previa a retenção automática de um aluno do Básico que excedesse o limite de faltas injustificadas ou a sua imediata exclusão da frequência de uma disciplina, no caso de estar no secundário.

Foi pena não ter havido coragem para também desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas, pois reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários para exames ou provas de avaliação. Qualquer dia os ladrões vão todos dar aulas para saberem como é. O que é preciso é estar nas boas graças do Chefe, ser mais papista que o Papa, e o futuro está garantido com a promessa dum lugar executivo numa qualquer empresa do Estado ou naquelas privadas onde o Estado é que manda...

54.3. REGRESSANDO AO TURISMO NO CHARUTO-ILHA

Ao fim da tarde fomos encontrar-nos com a Ana Gil, colega da minha mulher na escola da Maia (São Miguel), que ficara colocada por três anos em S. Jorge. Conhecemos o marido, o filhote de dois anos e a saga da chegada deles uma semana antes. Tinham escolhido a casa com quinta e muito espaço agrícola em junho e deixaram carros e mobílias. Ao chegarem definitivamente para tomar posse da casa, tinham o senhorio viúvo a dizer-lhes que acabara de descobrir a mulher dos seus sonhos, e não poderia alugar a propriedade pois já não ia regressar aos "States", mas ficar lá...o que o amor faz! Ficaram desesperados e aboletaram-se onde puderam, durante uns dias, até encontrarem nova casa na Queimada onde nos receberam para um lanche ajantarado de salpicão, alheiras e outros enchidos acabados de trazer de Bragança, donde são naturais. Foi excelente comer aquelas delícias naquele ambiente paradisíaco sob a sombra protetora do Pico enquanto o sol se punha. Dormimos, que nem sei lá o quê, depois do delicioso jantar, simples, mas sentido e amigo, de pessoas que, eu e o João (cansado de brincar com o petiz), tínhamos acabado de conhecer. Gostava de os ver outra vez, gente de bem, aquela que ali fomos encontrar acabada de chegar das berças maternas do autor. Ou mais uma história de como os professores são os únicos

profissionais em Portugal que fazem como o caracol (casa às costas). Porque não os médicos, enfermeiros e outros? Só professores? Apeete-me propor a extensão do sistema de avaliação dos professores a outras profissões:

Já que muitos defendem e compreendem o modelo proposto para a avaliação dos docentes, estranho que, por analogia, não o apliquem a outras profissões (médicos, enfermeiros, juizes, etc.). Se sabem o que está em causa e as virtualidades do modelo, vamos imaginar a sua aplicação a outra profissão, os médicos.

A carreira seria dividida em duas: Médico titular (a que apenas um terço dos profissionais pode aspirar) e Médico.

A avaliação seria feita pelos pares e pelo Diretor de serviços.

O médico titular teria de assistir a três sessões de consultas, por ano, dos seus subordinados, verificar o diagnóstico, tratamento e prescrição de todos os pacientes observados.

Avaliaria também um portefólio com o registo de todos os doentes a cargo do médico a avaliar, com todos os planos de ação, tratamentos e respetiva análise relativa aos pacientes.

O médico teria de estabelecer, anualmente os seus objetivos: doentes a tratar, a curar, etc.

A morte de qualquer paciente, ainda que por razões alheias à ação médica, seria penalizadora para o clínico, bem como todos os casos de insucesso na cura, mesmo que sofressem de doença incurável, ou terminal.

Seriam avaliados da mesma forma todos os clínicos, quer a sua especialidade fosse oncologia, nefrologia ou cirurgia estética...

Poder-se-ia estabelecer a analogia completa, mas penso que os nossos 'especialistas' na área da educação não terão dificuldade em levar o exercício até ao fim.

A questão é saber se consideram aceitável o modelo?

Caso a resposta seja afirmativa, então porque não aplicar o mesmo, tão virtuoso, a todas as profissões? Será?! Já agora...poderiam começar a 'experiência' pela Assembleia da República e pelos (des)governantes.

CRÓNICA 59 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE, 31 outº 2008

Na véspera, horas após a chegada, dois bons colegas e amigos da Universidade, o António Bento (faleceria em 2016) e a São Figueira de Sousa e marido tinham vindo buscar-me para me levarem numa volta pela cidade. Fomos jantar e comer a típica espetada ao restaurante Sto. António, que granjeou fama pelos seus grelhados e, especialmente, pelos tradicionais "kebabs" típicos na Estrada da Ribeira Brava - Câmara de Lobos, João Gonçalves Zarco 656 - Estreito, sobranceira ao Funchal. O Estreito fica a apenas 5 km de Câmara de Lobos. A grande especialidade da casa, fundada em 1967, é a espetada, verdadeiro ex-libris. Vem com batata frita e milho frito que nunca provara. Bastante saboroso o "Bolo do Caco," uma espécie de pão com alho. As espetadas suspensas tinham um comprimento de um metro, sendo duas mais do que suficientes para os quatro convivas. O bolo de milho cortado aos cubos assemelhava-se a tofu, mas era bem saboroso, acompanhando uma salada mista e batatas fritas. A conversa foi posta em dia, recordando-se os momentos mais memoráveis dos Colóquios da Lusofonia onde haviam estado presentes. A conversa fluía naturalmente fruto da sede de quem vive como eu, quase eremita a maior parte do ano, sem pares intelectuais com quem falar e ter uma conversa decente.

Entre as 19 e as 24 h. passaram-se horas animadas, fortalecendo laços que os colóquios tinham cimentado para anos vindouros. A gentileza e a bonomia dos presentes faziam uma pessoa sentir-se em casa. Prometi que levaria a mulher e o filho na próxima visita para nos servirem de guias na insuspeita Pérola do Atlântico. Falamos da censura, do cinzentismo que a globalização trouxera, do carneirismo da educação e dos mínimos denominadores comuns, tanto mais que fora anunciada, a proposta da Ministra da Educação de que nem uma só criança deveria chumbar até ao nono ano de escolaridade. A pergunta que se impunha, para que servia ir à escola se não era para aprender, mas sim para passar de ano. Por que se não promulgava que iam diretamente para o 9º ano? Era mais fácil, económico e impressionava as estatísticas em Bruxelas. Falou-se da inação das universidades e politécnicos, das horas negras que se avizinham face à depressão global que nos sitia, juntaram-se planos e propostas para o futuro dos colóquios e sua projeção como motor da lusofonia nacional. Uma verdadeira delícia, horas que voaram sem que nos apercebêssemos.

CRÓNICA 87. I HAD A DREAM II. OS FILHOS. DO DEGELO A MAIAKOVSKI? 26 outº 2010

Na véspera ficara o país imensamente satisfeito com a ida do primeiro-ministro, José Pinto de Sousa, o Sócrates, à Finlândia para copiar aquele modelo de sucesso nórdico. Não havia muito tempo, outro colega de nome Barroso, quis copiar a Irlanda. Estas são medidas acertadas. Em vez de nomearem comissões para estudarem o problema e apresentarem sugestões, vai-se a um país que funcione bem. Depois na fotocopiadora reproduz-se o sistema deles, mesmo que os portugueses não sejam altos, nem louros nem tenham olhos azuis, nem bebam cerveja

preta. Pode usar-se uma artimanha e colocar implantes oculares, tipo lentes de contacto, com aquela cor. Como já quase todo o mundo pinta o cabelo, bastava generalizar o uso desse tom.

Por que é que isto não foi pensado nem feito antes?

Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca epilgaram nem propuseram nada digno de ser aplicado. Deve ser por isso que o país se atrasou tanto. Mas com tanto betão a mexer-se para os lados do novo aeroporto e com a velocidade supersónica do TGV, ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete (anos 50 e 60) estão a apodrecer em Elvas pois não há dinheiro para os recuperar. Todas as linhas de caminho-de-ferro para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam. Ótimo era acabar com todos os serviços no interior para que toda a sua população possa desfrutar do ótimo clima à beira-mar plantado. Mudam-se, de vez, para a costa. Mesmo que desapareça em breve.

CRÓNICA 115. O MANIFESTO DO 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, 3 maio 2012

115.1. COMO A IMPRENSA VIU AS CONCLUSÕES:

A criação de bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras dedicadas a estudos da lusofonia para estudantes de vários continentes foi defendida no 17º Colóquio da Lusofonia, em S. Miguel, Açores.

“Numa altura de crise, estas bolsas justificam-se mais do nunca, tendo em vista a difusão da Língua Portuguesa e porque serve para criar contrapartidas económicas quando os alunos bolseiros regressarem aos seus países de origem”, defendeu Chrys Chrystello, Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, em declarações à LUSA.

Os Colóquios estão a decorrer na Lagoa, S. Miguel, Açores, sob o tema: “MANIFESTO contra a crise: A língua como motor económico”. Entre as sete propostas apresentadas no manifesto consta a “criação de pelo menos 500 bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras”, tendo Chrys Chrystello referenciado o caso da China com “um forte investimento na Língua Portuguesa, com milhares de alunos licenciados em português.” A criação de bolsas permite “rentabilizar” a língua que atualmente representa 17 por cento do Produto Interno Bruto, não só em serviços, como na educação”, acrescentou. A proposta vai no sentido de o “Brasil disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para estudantes de licenciatura, de mestrado ou de pós-graduação e terminada a presença dos alunos no país de acolhimento, os bolseiros terão adquirido a função de embaixadores da Língua Portuguesa nos seus países de origem”.

O manifesto defende a criação de “antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos” e distribuição nos “países onde o português é ensinado como língua estrangeira”. Além disso, é proposta “a disponibilização gratuita de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos para despertar o interesse por aqueles escritores” e “convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as Academias e outras entidades uma bolsa de edições para promover as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos”.

O reforço dos cursos de Língua Portuguesa, tanto presenciais como online são outras das sugestões do manifesto. Para o Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, são propostas “realistas aos Governos de Portugal e do Brasil”, lamentando que a cultura “seja sempre a primeira área com cortes”. “É o parente pobre, porque não dá votos. É muito mais fácil trazer um artista pimba que atrai centenas de pessoas”, sublinhou o especialista em linguística. Os Colóquios da Lusofonia constituem um espaço privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias entre investigadores e estudiosos sobre literatura, linguística e história e contemplou “este ano pela primeira vez, uma homenagem conjunta a nove autores” e três lançamentos literários, entre os quais a Antologia bilingue de 15 autores açorianos contemporâneos, referiu Chrys Chrystello.

115.2. MANIFESTO AICL 2012 CONTRA A CRISE, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), preocupada pelas recentes decisões de natureza económica que põe em causa o cultivo e mesmo a continuidade da Língua e Cultura em Portugal, vem apresentar, pelo presente, algumas ideias que visam um estímulo económico através da língua e cultura, devendo a médio prazo servir para um estímulo maior à economia. Brasil e Portugal são os países que juntos reúnem melhores condições de proporcionarem o arranque deste projeto, fica desde já a ressalva de que a eles se deverão juntar os restantes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) quando estiverem dispostos a fazê-lo sem quaisquer receios de Quintos Impérios e de neocolonização cultural.

1.º. Buscar consensos entre os governos do Brasil e de Portugal para que sejam reforçados e lançados cursos de Língua Portuguesa – tanto presenciais como online - nas suas vertentes de ‘Português Língua Materna’ (PLM) e ‘Português Língua Estrangeira’ (PLE) em todos os quatro cantos do mundo. Deve ser utilizada uma nova fórmula de conservação e propagação da lusofonia a nível mundial, como até agora não foi proporcionada quer pelo Instituto Camões quer pelo Instituto Machado de Assis e a CAPES, em três vertentes:

- a) aprendizagem e melhoramento da Língua Portuguesa como PLM ou PLE,
- b) literatura lusófona e,

c) ciências de tradução.

Dever-se-á utilizar-se o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) da CPLP e o apoio de universidades e politécnicos dos dois países para tal fim.

Justificação:

Os cortes, por parte do Governo português, tanto no sistema no ensino de PLM (para filhos de pais lusófonos residentes em países não-lusófonos), como nos sempre escassos apoios à divulgação da lusofonia através de cursos de PLE (para apoiar o ensino a nível secundário e superior em países não-lusófonos) têm-se mostrado sumamente prejudiciais ao cultivo da lusofonia em países não-lusófonos. Como fruto desta política de abandono, não só acaba por ser posta em questão a capacidade dos filhos de emigrantes portugueses de comunicar de forma adequada em todos os níveis na língua materna, mas também a aquisição da Língua Portuguesa nos países não-lusófonos onde a cada vez maior ausência do Instituto Camões tem servido como justificação de eliminação de cursos de português.

No Brasil, dá-se semelhante abandono do ensino de PLM e PLE nos países não-lusófonos. Apesar da existência do Programa de Leitorado nalgumas universidades em países não-lusófonos, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a rede é bastante reduzida e fica longe de atingir a importância que caberia ao Brasil numa escala internacional. Não consta a existência de uma rede de ensino de PLM, organizada pelo Estado brasileiro e que vise o ensino de PLM aos filhos de cidadãos brasileiros residentes no estrangeiro.

2.º. Buscar apoios das Academias nacionais de Língua Portuguesa existentes, da CPLP, e de todas as restantes instituições para que contribuíssem para este projeto que deve abranger todo o mundo onde haja lusofalantes e interessados na aprendizagem da Língua Portuguesa.

Justificação:

No mundo lusófono existem várias Academias que se dedicam ao cultivo e à normalização da Língua Portuguesa, nomeadamente em Portugal a Academia das Ciências de Lisboa (ACL), no Brasil a Academia Brasileira de Letras (ACL), bem como a Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL) e na Galiza a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). Para um projeto que visa fortalecer o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa em todo o mundo, consulta e o apoio por estas organizações não só é uma mais-valia, mas torna-se mesmo indispensável.

3.º. Criar pelo menos 500 bolsas de estudo anuais dedicadas a estudos relacionados com a lusofonia para que estudantes oriundos de países de todos os continentes possam frequentar universidades brasileiras e portuguesas.

Justificação:

Em conformidade com as capacidades financeiras dos países envolvidos, o Brasil poderia disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para os melhores alunos dos cursos referidos em 1.º. Terminada a presença no país de acolhimento, os bolsеiros terão adquirido a função de embaixadores da Língua Portuguesa nos seus países de origem. Num regime a definir, a atribuição das bolsas poderá funcionar de forma semestral (p. ex. para estudantes de licenciatura), anual (p. ex. para estudantes de mestrado) ou plurianual (p. ex. para estudantes de pós-graduação).

4.º. Convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as Academias e outras entidades uma bolsa de edições a promover em todo o mundo as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos, as quais seriam disponibilizadas nos vários países.

Justificação:

Uma vez que a unificação da ortografia permite a divulgação do mesmo texto em vários países, a disponibilização das obras literárias mais representativas de cada país aos outros países não só facilita o acesso recíproco a todas as literaturas lusófonas, mas permite a publicação de edições únicas que poderão entrar em vários mercados livres.

5.º. Criar antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos e promover a sua distribuição nos países onde o português é ensinado como língua estrangeira.

Justificação:

À semelhança do que se realizou através da Antologia Bilingue de Autores Açorianos (2011), o fornecimento de antologias bilingues de textos literários de referência pode tornar-se indispensável numa primeira aproximação a textos portugueses tanto por parte de estudantes estrangeiros como de falantes da respetiva língua em que a antologia foi publicada.

6.º. Criar e despertar o interesse por autores lusófonos, através da disponibilização gratuita em linha de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos.

Justificação:

Desde que se trate de obras isentas de direitos de autor ou que forem publicadas com consentimento dos autores, a divulgação de textos literários de forma digital, tal como está a ser feito com textos literários açorianos nos Cadernos de Estudos Açorianos, tem-se mostrado muito benéfica por ter atraído bastante interesse por parte dos utentes.

7.º. Evitar que as burocracias ministeriais e governamentais impeçam a imediata consecução deste projeto, pelo que deverá ser nomeada uma comissão de sábios para definir em detalhe este projeto, seu cronograma e custos.

Este manifesto foi precedido da leitura do seguinte artigo.

Em minha opinião, a crise do país [seja Portugal ou o Brasil] é mais do que tudo uma crise de ideias, de líderes, de pensadores e intelectuais, aliada ao capitalismo selvagem, dito neoliberalismo, que desde os anos 90 vem tomando dos meios de produção globais e manipulando os governos do mundo ocidental.

O país precisa mais de se servir dos seus «sages» para usar um termo francês em vez do mais habitual vocábulo “pensadores ou filósofos”. Um Conselho de Sábios, seria aquilo que o país necessita para vencer a crise e sairmos da podridão da partidarite viciada em cunhas, nepotismo e esquemas.

Teríamos depois, de estabelecer consensos alargados e um plano de ação a muito longo prazo, e buscar a força e iniciativa dos mais jovens para as levar a cabo. Não devemos deixar que Portugal se perca na sua atual insignificância quando grande parte da sua história foi feita de grandes homens que se sobrepuseram, pela sua visão, a gerações de Velhos do Restelo. São estes que hoje guiam os nossos filhos e netos para a subserviência e dependência total ao grande capital internacional sem esperança de vida melhor. Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial ou rumo a uma criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas intelectualmente deficientes.

A receita universalmente seguida é a da ignorância, em que quase todos hoje vivem, aliviada com um voyeurismo exacerbado em Big Bordel (perdão Big Brother) e quejandos, e outras telenovelas da vida real que a TV projeta incessantemente nas horas poucas de lazer. Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar paixões e ventilar frustrações recalçadas e temos o caldo mágico para as gerações futuras.

Um sistema educacional e cultural forte seria a base para o futuro em que ainda acreditamos. Temos exemplos de gente excecional, mas, infelizmente, a grande maioria emigrou e faz carreira no estrangeiro porque o país só apoia a mediocridade. Tratou-se de alunos que se não contentaram com a mediania do ensino e brilharam sem se deixarem enredar na modorra anquilosante dos que os governam. É esta situação de exceção que traz algumas esperanças.

A minha geração e, antes dela, a dos nossos patronos, foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis. Havia trabalho, muito e mal pago, e a esperança de que fosse reconhecido pois todas as promoções eram a pulso na longa escalada que encetámos. Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua. Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética. Líamos, debatíamos, estudávamos e aprendíamos toda a vida.

Hoje constata-se o que foi feito nas últimas duas décadas para destruir o tecido escolar, com a facilitação extrema para falsificar estatísticas, programas especialmente elaborados para ninguém ficar para trás, a redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias a aprender, o lento esquecimento a que a História foi votada porque os nossos antepassados eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia porque poderia levar os jovens a pensar e os maus-tratos dados à Língua Portuguesa.

Temos hoje uma vasta gama de professores incultos, e a maioria dos alunos analfabetos funcionais, incapazes de compreender ou debater o que leem. Os autores que estudamos foram substituídos para que hoje fosse quase impossível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo⁸ ou até mesmo compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como era Lisboa naquela época.

O Cenáculo era uma reunião permanente de jovens em casa de Antero [de Quental], dia e noite, todos tinham ali os seus melhores livros, notas, provisões de princípios e de tabaco. Cada um deles possuía conhecimentos profundos sobre, pelo menos, uma das ciências base que são a matriz do conhecimento: física, química, matemáticas, filosofia, direito, história e linguística. Quando Antero regressa do estrangeiro, pleno de ideias e leituras novas, é como que a vinda do Rei Artur à Corte de Camelot e daí nasceram as Conferências do Casino, cheias de cultura europeia, fervor revolucionário, romanesca efervescência intelectual e sentimental.

Era uma tertúlia sobretudo anárquica em que se insultavam todas as instituições da sociedade portuguesa da Regeneração, contra os seus bacharéis, ministros, escritores, mas também contra tudo em geral, contra Deus, contra o Universo, era acima de tudo uma “Boémia feroz” ruidosa, tumultuosa, adolescente.

Foi então que o grupo inventou uma personagem, um poeta satânico à maneira de Baudelaire, chamado Carlos Fradique Mendes, e que lhe produziu um livro chamado “Poemas do Macadame”. Este poeta fictício era um exótico personagem, culto, viajado, sempre a par das novidades da ciência, excêntrico e irreverente. Muito posteriormente Eça de Queiroz iria repescar esta figura e atribuir-lhe epístolas no livro “Correspondência de Fradique Mendes”.

Antero de Quental veio pôr uma certa ordem naquela boémia de tiradas líricas, ditos espirituosos e noitadas ruidosas. Trouxe e contagiou o grupo com a paixão por Proudhon e o reformismo social, a paixão pela Sociologia e a discussão séria sobre a Metafísica. A inquietação desordenada do grupo tinha agora um líder, capaz de encaminhar as forças desses jovens intelectuais.

Foi no seio do Cenáculo que surgiu o projeto da realização das Conferências do Casino. Digamos que, de certa maneira, são a sua expressão exterior, pública, de um grupo privado de amigos. Essa geração de jovens tentou trazer algo de novo e bom à nossa cultura, debatendo o Estado da Nação. Perdoem esta digressão para vos explicar o que pretendo.

⁸ http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/conferencias_casino.html

As Conferências do Casino podem considerar-se um manifesto de geração. Denominam-se assim por terem tido lugar numa sala alugada do Casino Lisbonense e foram cinco palestras do grupo formado pelas mesmas pessoas que constituem a Geração de 70. Antero é o grande impulsionador desde 1868.

A 18 de maio 1871 foi divulgado o manifesto, já distribuído em prospectos, e assinado pelos doze nomes organizadores destas Conferências Democráticas.

22 de maio de 1871 - A 1ª: “O Espírito das Conferências”, por Antero de Quental consistiu num desenvolvimento do programa previamente apresentado. Antero referiu-se à ignorância e indiferença que caracterizava a sociedade portuguesa, falando da repulsa do povo português pelas ideias novas e na missão de que eram incumbidos os “grandes espíritos” e que consistia na preparação das consciências e inteligências para o progresso das sociedades e resultados da ciência.

Para Antero o ponto fulcral seria a Revolução, o seu conceito, que define como um conceito nobre e elevado. A conclusão da palestra termina com o apelo às “almas de boa vontade” para meditarem nos problemas que iriam ser apresentados e para as suas possíveis soluções.

27 de maio de 1871 - 2ª: “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos” também proferida por Antero. Em primeiro lugar, Antero julga a História, como uma entidade, o juízo moral, social e político. Em seguida enumera e discute as causas da decadência.

Aponta o Absolutismo, a Monarquia Absoluta que constituía a “ruína das liberdades sociais”, o centralismo imperialista que coartara as liberdades nacionais, rumo a uma cega submissão; por fim, o desenvolvimento de hábitos prejudiciais de grandeza e ociosidade que conduziram ao esvaziamento de população de uma nação pequena, substituindo o trabalho agrícola pela procura incerta de riqueza, a disciplina pelo risco, o trabalho pela aventura.

Para Antero a solução destes problemas seria: “(...) a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, (...), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado. (...) a federação republicana de todos os grupos autonómicos, alargando e renovando a vida municipal (...) à inércia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea (...), organizada de uma maneira solidária e equitativa...”

A conclusão insere uma dimensão progressista, a instauração de uma revolução, a ação pacífica, a crença no progresso inspirado na moralização social (Proudhon), num tom idealista e retórico.

5 de junho de 1871 - 3ª: “A Literatura Portuguesa” proferida por Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras que faz uma crítica aos valores da literatura nacional. Cita a negação sistemática dos valores literários nacionais, excetuando escritores como Luís de Camões, Gil Vicente e poucos mais. Tem a sua vertente revolucionária ao inculcar a ideia de que a literatura portuguesa deverá ter caráter nacional, pautada por valores universais. O modelo e guia desta renovação salvadora da literatura nacional seria Chateaubriand, com o conceito de Belo absoluto como ideal da literatura, constituindo esta um retrato da Humanidade na sua totalidade.

12 de junho de 1871 - 4ª: “A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte” por Eça de Queirós salientou a necessidade de se operar uma revolução na literatura. A revolução é um facto permanente, porque manifestação concreta da lei natural de transformação constante, e uma teoria jurídica, pois obedece a um ideal, a uma ideia. É uma influência proudhoniana.

O espírito revolucionário tem tendência a invadir todas as sociedades modernas, afirmando-se nas áreas científica, política e social. A revolução constitui uma forma, um mecanismo, um sistema, que também se preocupa com o princípio estético. O espírito da revolução procura o verdadeiro na ciência, o justo na consciência e o belo na arte. A arte, nas sociedades, encontra-se ligada ao seu progresso e decadência e o artista sob a influência do meio, dos costumes, do estado dos espíritos, do movimento geral... Foca as relações da literatura, da moral e da sociedade. A arte deve visar um fim moral, rumo ao desenvolvimento de justiça nas sociedades. Fazendo a crítica dos temperamentos e dos costumes, a arte auxilia a ciência e a consciência.

19 de junho de 1871 - 5ª: “A Questão do Ensino” por Adolfo Coelho traça o quadro desolador do ensino em Portugal, mesmo o superior, através da História. A solução proposta passa por uma mais ampla liberdade de consciência. Tomando isto em consideração, o remédio seria apelar para a iniciativa privada, para que esta difundisse o verdadeiro espírito científico, o único que beneficiaria o ensino.

26 de junho de 1871 - Quando Salomão Saragga se preparava para realizar a sua Conferência “História Crítica de Jesus”, o Governo, mandou encerrar a sala do Casino Lisbonense e proibir as Conferências. No mesmo dia, Antero redige um protesto no café Central, hoje Livraria Sá da Costa.

115.4. NO SÉCULO XXI

Vivemos hoje uma encruzilhada como a da Geração de 1870 e das Conferências do Casino, sendo a enumeração de problemas semelhante à de então. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da Língua Portuguesa, linguística, literatura, história, também nós constituímos um grupo heterogéneo, unidos naquilo que é comum, a língua de todos nós.

9 [1] Quental, Antero de, 2ª Conferência: Causas da Decadência dos Povos Peninsulares, Casino Lisbonense, 27 de maio de 1871 in Medina, João, Eça de Queiroz e a Geração de 70, Lisboa, Ed. Moraes, 1980, 1ª ed., pp. 157-158.

A língua configura o mundo, sem esquecer, porém, que Wittgenstein disse que o limite da nossa nacionalidade é o limite do nosso alcance linguístico.

Os Colóquios são a prova insofismável de que tudo é possível com custos mínimos desde que se dê liberdade às pessoas para criarem no seio da nossa associação projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a fala comum: a Língua Portuguesa de forma conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da Língua e todas as suas variantes.

Em defesa da Lusofonia, propugnamos a nossa identidade como pessoas e povos, em prol da língua comum com todas as variantes e idiosincrasias, impedindo que outras culturas e povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem.

É no nosso seio de oradores e patronos, que nos podemos afirmar como plataforma de arranque de uma congregação de um Conselho de Sábios e de jovens cultos e dinâmicos para pensar e agir rumo ao futuro sem nos deixarmos abater pelo negativismo da crise que visa embotar a nossa capacidade de realização. Resumidamente foi isto que os Colóquios fizeram ao longo de uma década, numa prova da vitalidade que a sociedade civil atuante pode ter quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como os que dão vida aos nossos projetos. Resta que todos se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa e que este sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

PARA TERMINAR INTERROGAMOS: Quanto vale um idioma?

Se a Língua Portuguesa estivesse na prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

- É um percentual interessante e conveniente, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%) - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi Reitor até julho passado. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia, relações económicas que exigem uma dada língua. E descarta atividades que podem ser executadas por trabalhador de outra nacionalidade ou competência linguística. Por essa lógica, ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além das “indústrias da língua” há as ligadas a fornecedores de produtos em português, como a administração pública, e as que têm forte conteúdo de língua, como o setor de serviços, ou a que induz maior conteúdo de língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais.

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial. O Japão é uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufacturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo. No seu pequeno território, cria animais, e cultiva o solo apenas durante quatro meses ao ano. No entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença?

Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios... A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos, deve plasmear consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

Solução-síntese: transformar a consciência do Português.

O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado.

As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;

4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

*Somos como somos, porque vemos os erros e só encolhemos os ombros e dizemos: “não interessa!...”
A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!*

Reflitamos sobre o que disse Martin Luther King:

“O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem-ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons...”

CRÓNICA 117, PORTUGUESES, 30 junho 2012

Este foi o discurso que nunca cheguei a ouvir, mas imaginei:

Portugueses, portuguesas

É mentira que o Governo esteja a preparar novos impostos, novas subidas de preços e mais cortes nos benefícios de empregados e desempregados, reformados ou no ativo.

Nunca foi intenção deste Governo aumentar a pobreza, o desemprego, a fome no país, mas herdámos uma pesada herança do Governo anterior que vai demorar várias gerações a pagar e temos que satisfazer os compromissos assumidos por anteriores governos.

Nunca foi nossa intenção dar dinheiro à Banca que causou esta crise, mas somos obrigados por contratos anteriormente firmados e que bloqueiam qualquer hipótese de renegociação, motivo pelo qual fomos cancelando benefícios aos nossos funcionários, que infelizmente terão de suportar as reformas estruturais que pretendemos implementar no país e que resultam obviamente do que foi negociado no passado por anteriores governos e que nos impõe esta necessidade de trazer sanidade às contas públicas.

Teremos assim de vender os anéis para que sobre os dedos e mesmo assim não temos garantia de que isso seja suficiente. Destarte vendemos a energia da EDP, a distribuição da REN, negociamos a venda das águas, da companhia aérea, dos aeroportos e outras infraestruturas, muito mais rentáveis se forem os estrangeiros a geri-las porque francamente o Estado não tem capacidade para gerir tão variados bens.

As portagens introduzidas nalgumas SCUT visam aumentar a utilização pelos turistas que aqui vêm deixar divisas e reduzir o tráfego de viaturas portuguesas, o que permitirá aos turistas andar mais livre e desafogadamente nas estradas a fim de regressarem aos seus países com melhor impressão de Portugal.

Ao enviarmos os jovens licenciados e desempregados para outros países exportamos os conhecimentos que fizeram dos portugueses um povo de navegantes e descobridores. Estamos convictos de que também virão a descobrir novos mundos e formas de vida, permitindo aumentar a importância dos portugueses nessas sociedades de acolhimento e obterem posições de relevo importantes para o orgulho nacional.

Temos tomado inúmeras medidas como o encerramento de hospitais, maternidades, centros de saúde, tribunais e outros serviços cuja produtividade era baixa e custavam imenso a manter, pois estudos recentes provam que algumas das medidas tomadas pelo Governo antes de 1974 eram bem mais económicas que as atuais e conduziram o país a uma riqueza de que só resta a memória hoje.

Com todas estas alterações estruturais estaremos a criar sólidas bases para a riqueza de Portugal. Pretendemos - em breve - expropriar todos os terrenos agrícolas não cultivados e entregá-los aos estrangeiros para que, com as suas técnicas mais evoluídas, possam obter uma produção agrícola que nos permita voltar aos tempos dos celeiros da nação. Sabendo exígua a oportunidade de emprego no interior, estaremos a contribuir para a redução do desemprego local.

Além das reduções dos elementos autárquicos base, as freguesias, estamos a criar uma nova dimensão do país que nem havia sido tentada desde Mouzinho e que permitirá reduzir os bairrismos que tanto têm servido para dividir o país em pequenas parcelas em vez de o aglutinar. Estamos cientes de que a situação geral do país irá melhorar com todas estas medidas e em breve nos orgulharemos de ser um país que todos invejam.

Aproveito para lembrar alguns dos meus escritos (2005 a 2008 no anterior Governo socrático). Mudou o Governo e o primeiro-ministro, os discursos são mais nacionalistas e acompanhados do hino nacional, mas o país segue na mesma direção do abismo...

..., mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental...

Desacreditando os professores e a profissão, abalando os alicerces do ensino público com normas pouco exequíveis ou fiáveis, de resultados estatísticos garantidos, sem que represente qualquer grau de conhecimentos técnicos, científicos ou académicos, a reforma do ensino privilegia títulos obtidos nas escolas privadas. Exclui-se a Universidade onde o senhor primeiro-ministro obteve um diploma por fax e TPC (trabalhos de casa) pois já fechou. As massas continuarão a enviar as crianças para a escola sem se aperceberem que os paradigmas do séc. XX já não vigoram. Os estudos não indicam nada do que significavam.

Isto não é mais do que a aplicação da minha velha máxima pessoal ao afirmar que um dia destes, um décimo segundo ano equivale a uma quarta classe da infância e uma licenciatura não é mais que um velho 5º ano do Liceu (curso complementar) e assim sucessivamente até ao mestrado que terá o valor dum antigo bacharelato e o doutoramento equivale à velha licenciatura.

Ridículo? Ousado? Despropositado? Não?

Comparem o conteúdo curricular dos vossos filhos ou netos com o vosso e depois conversamos. Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, mais as "Novas Oportunidades" vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas não vai deixar de ter iletrados, vai ter iletrados com diplomas. Nada disto é feito à toa, nem é por birra do senhor primeiro-ministro, que não nutre grande afeto pelos que ensinam, fruto de qualquer frustração infantojuvenil que não se pode confirmar....

Já foi feito nos EUA, na Austrália, no Reino Unido, onde escolas secundárias custam tanto ou mais que universidades privadas....

Aliás não é só na educação, aconteceu com a justiça naqueles países e irá acontecer em Portugal. Na saúde é ainda pior. Veja-se, a título de exemplo, os médicos do "ER" (série televisiva Serviço de Urgência) a atenderem os doentes consoante têm seguro privativo (e conforme a cobertura deste) ou não, logo despachados para a rua depois de tratados sumariamente. Assim irá acontecer neste jardim. Mal um Hospital ou uma urgência fecham, aparece um grupo privado a construir um Hospital com urgências médicas. É curioso que o ex-ministro Correia de Campos lidere esses grupos de saúde privados.

Claro que quem vive no Bronx não pode ter a mesma qualidade de vida dos que vivem em Manhattan (não sei se me entendem). Isto é, em termos indianos há uma zona de sudras e vaixias onde poucos se deslocam. Mesmo a polícia tem medo de lá ir, pode ser que a ASAE depois de preparada militarmente nos EUA lá possa entrar. Como que se fossem favelas, ou bairros-de-lata.

As "pessoas de bem" e pilares da sociedade vivem em zonas mais abrangentes em termos de serviços e de oportunidades. Muita sorte têm as castas menores em disporem de água potável e eletricidade. Teremos assim, um país (e o mundo) cada vez mais a duas velocidades, a dos que têm e a dos que não têm.

Por isso ninguém se parece preocupar com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal). Ninguém parece perder o sono ou o apetite (estamos a ficar todos obesos) pelos sem-abrigo que se propagam mais depressa que coelhos nas cidades, esvaziadas de Humanidade.

Autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas para serem "gentrificadas" dando origem a condóminos de luxo a quem possa pagar. Assim, os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP. Mas a diferença é que nalguns países, ditos democracias, existe um mínimo de pudor, decência, bom senso e dignidade. Os casos de corrupção, nepotismo e outros, impunes em Portugal, ainda vão sendo punidos nesses países

O primeiro-ministro (Passos Coelho), que há meia dúzia de meses tinha a solução para todos os problemas, convidou os quinze mil professores desempregados, a emigrar, porque em Portugal não lhes prevê futuro. Bem, no que toca a soluções, o homem prometeu e fez!

.... Emigremos! Ou não fossemos nós um povo nómada, acostumado a passar metade da vida de mala na mão, com a alma e o coração dividido entre "lá" e cá. A diferença é que no século passado emigravam os incultos, aqueles a quem a pobreza impossibilitava o acesso a uma licenciatura. Virado o século, depois de andarem anos a incentivar-nos ao ensino, dos pais se terem sacrificado para formar os filhos, vem o senhor e diz-lhes que façam as malas! Solução fácil e conveniente.

Vão, mas não cortem os laços! Façam vida de emigrante, trabalhem muito e vivam pouco, juntem dólares e enviem para cá, porque a banca, a quem os vossos pais se empenharam para vos dar um curso, e tem dois terços da sociedade escravizada, mais do que nunca precisa das vossas remessas.

Enviem para cá muito dinheiro. Construam muitas casas, comprem carros, comecem a pagar impostos, que as nossas finanças precisam urgentemente de receita. É preciso manter a máquina e se a verba vier de fora, sem criar postos de trabalho e investir numa vida digna para os cidadãos, é ouro sobre azul.

Emigrem! Professores, médicos e enfermeiros, pequenos empresários, a quem a austeridade lançou para a ruína e no desemprego. Os da restauração, do comércio tradicional, os que fecharam portas e não conseguiram colocação nas grandes superfícies. Os agricultores, a quem pagaram para que não amanhassem as terras. Os pescadores, que receberam para não sair para o mar, os operários que perderam o trabalho de toda a vida. Os mecânicos, os trolhas, os eletricitistas...e os seus filhos e netos e as gerações seguintes...

Mais dinheiro a entrar e menos bocas a reclamar, facilita a vida a qualquer político. Ficarà tudo mais fácil e mais vantajoso, principalmente para os que cá ficarem. Depois edificam-nos estátuas e dedicam-nos avenidas. Aos

emigrantes, otários, que desta feita já não viajarão com a cesta de vime e o garrafão, que já não trocarão o V pelo B, mas que serão rotulados por outro motivo qualquer. Vamos, mandem muito dinheiro para a terra, mas fiquem lá! Nada de vir para aqui no fim da vida, a dar despesa ao Estado; a ocupar bancos de jardim, lares de idosos, centros de saúde e parcelas nos cemitérios. Isso é para os que cá ficaram!

Sendo um otimista nato que sobreviveu a muitas crises e desgraças, encontro-me na posição de nada ter a dizer quanto ao futuro, que não seja repetir as palavras do primeiro-ministro: emigrem. Mas para os mais velhos, como eu, na alvorada da Terceira-Idade, sem reforma ou com reformas reduzida para a minha mulher, é preocupante saber que poderemos não ter pão para comer nem tefo para nos abrigarmos. Busco uma réstia de otimismo e não a encontro no país, e na maior parte do mundo ocidental, empenhados todos numa espiral autodestrutiva do lucro, ganância, especulação e dinheiro a todo o custo.

Resta saber o que as potências emergentes (China e Índia) farão quando o grande império ocidental se desmoronar. Há quem diga que os dias não correm a favor de nacionalismos independentistas, antes se caminha rumo à aglutinação forçada, mas duvido que assim seja....

Creio que, com esta crise, se caminha para uma nova pulverização de velhos ódios tribais europeus e uma balcanização de alguns estados. Um novo tipo de guerra sem tiros, os mortos e estropiados são-no pela fome, miséria, sem-abrigo e desemprego, da exploração desenfreada da Banca mundial. Mesmo assim não me queixo.

CRÓNICA 129, DA MINHA JANELA, 13 maio 2013

Das ameias do meu “castelo”, desta janela aberta sobre o mundo vi muita coisa, e continuo a ver um planeta em permanente mudança. São os vaqueiros que passam a cavalo, em carroça ou carrinha, rumo às vacas e aos depósitos de leite, logo pelas cinco e meia da manhã em rotinas que se repetem - duas ou três vezes ao longo do dia - até ao anoitecer quando regressam dos pastos pela última vez.

Vejo tratores mais apropriados ao celeiro do Oeste norte-americano, às pradarias, à amplidão dos campos australianos ou aos vastos terrenos da Extremadura espanhola do que ao minifúndio micaelense, depois há uns que são menos gigantescos, mas – mesmo assim - demasiado grandes para estas terras minúsculas, ..., todos enormes para os minifúndios aqui na Lomba da Maia.

Vejo catraios barulhentos ao voltar da escola primária ou catequese, a correr, aos berros, à pancada umas com as outras, desobedecendo a mães e avós, a atirarem papéis para a rua, a comportarem-se como pequenas bestinhas que serão quando crescerem, saltando para o meio da rua, impérvias ao trânsito e à vida que lhe podem roubar a cada momento.

Vejo anciãs, de xale ou lenço na cabeça lenta, mais parecem daguerreótipos do séc. XIX, que vagarosamente sobem a rua rumo aos deveres eclesiais da fé, sejam missas, novenas, enterros ou procissões. Parecem viúvas, a viver num mundo que já não existe e onde não compreendem a realidade em que estão inseridas... Imagens tiradas doutras eras falando de um passado ancestral imutável durante séculos e que ora deu um pulo para o espaço sideral.

Vejo a vizinha da casa de baixo, sempre a espreitar pela porta quem entra, quem sai, quem passa, ocupando o tempo que lhe falta na sua octogenária vida, enquanto aguarda que filhos e netas a venham visitar ou a venham buscar para levar a passar uns tempos em casa deles. Cumprimenta sempre e pergunta pela saúde.

Vejo pela janela entreaberta da casa em frente, uma televisão sempre a debitar telenovelas e quejandos, entretenendo os anos de vida que faltam à moradora citadina que aqui se desloca em feriados, férias e fins de semana...por vezes com filhos, netos e seus amigos.

Desta janela não vejo, na casa ao lado dessa, o marido que bate na mulher, mas observo a mulher que bate nos filhos, (bem casada ou mal casada?) que não cessa de entrar e sair para falar com todos os homens da aldeia, mais os fornecedores do pão, da fruta, da carne, das roupas e todos os restantes fornecedores das carrinhas que aqui aportam diariamente para venderem os seus produtos. Nas lides da casa não se ocupa pois falta-lhe tempo, pois aguarda sempre aperaltada, com a convicção de ser sexy, que o marido siga para as vacas e vai lampeira em busca de homem que a ouça e à sua língua viperina, vivendo no quotidiano os sonhos imaginados de telenovelas que lhe encham as noites. Há mais homens e mulheres assim, rua abaixo e em outras ruas, em freguesias perto e longe.

Da janela vejo aos domingos os homens com fatiotas melhoradas encostados à porta da Igreja ou a beberem uns copos na taberna mais próxima. São os mesmos que não entram na Igreja o ano todo, mas depois se fazem à estrada como Romeiros, arrostando com frio, chuva e outras privações.

Vejo ainda os outros, os que escapam sempre, sobre quem não impendem acusações de violência doméstica, de pedofilia, de abusos, de alcoolismo, mas que cumprem religiosamente tradições ancestrais que nem sabem explicar nem compreender.

Vejo enterros, procissões, casamentos, crismas e batismos (cada vez menos), vendedores (avulso) de cracas e lapas, vendedores de tudo soando as tonitruantes buzinas em carrinhas barulhentas na sua distribuição e alicia-mento de clientes em tempo de crise.

Vejo os montes ora verdes, ora verdes, consoante a estação do ano, e o que lá se planta.

Mas o que nunca vi desta janela foi alguém a ler um livro...

CRÓNICA 147- DO ACORDO ORTOGRÁFICO, 13 maio 2015

13 de maio 2015 entra oficialmente em vigor, em Portugal, o AO 1990, atrasado vinte e cinco anos. Na rede cibernética muita gente se insurge como contrista, isto é, sendo contra...A todos, sejam quais forem as razões invocadas, digo que se não concordam com este acordo e se não se pronunciaram durante o período de debate público (talvez estivessem ocupados a ver telenovelas do Brasil) sejam, pelo menos, coerentes e não aceitem também os acordos ortográficos anteriores. Se não aceitam que o AO 1990 decrete algumas leves mudanças, não podem coerentemente aceitar outras alterações decretadas após 1911.

Como sabem, a partir de 2007 nós - AICL - COLÓQUIOS DA LUSOFONIA, fomos porta-vozes da implementação do acordo e sempre o utilizamos convertendo todos os textos para a nova grafia. Ao fim destes anos como "fait accompli" deixamos de responder aos ataques, que, esporadicamente, surgem de alguns vultos literários na sociedade portuguesa, que ainda se sente dona da língua.

Sejam lógicos, escrevam na forma caótica como se escrevia dantes, pois essa era a Língua Portuguesa pura segundo o vosso pensar, ou então vão mais atrás e sejam leais e fiéis escrevendo como El-Rei D. Dinis, aliás Diniz.

Ninguém vos obriga a seguir a nova ortografia, a menos que sejam funcionários do Estado e afins, escrevam como quiserem, mas aproveitem as energias despendidas contra o AO a lutar contra leis bem mais iníquas, como os cortes ilegais em reformas, salários, subsídios e feriados.

Fernando Pessoa continuou a escrever à moda antiga, mas ninguém o leu enquanto vivo. Eu, na minha infância e juventude, só lia livros publicados no séc. XIX e isso não me confundiu a dar erros na escola primária e Liceu.

Os jovens que aprenderam na nova grafia nestes seis anos também saberão distinguir entre as duas, como eu fiz. A mim preocupa-me mais a ignorância da língua manifestada diariamente, em órgãos de comunicação social, e noutros contextos, e essa nada tem a ver com acordos ortográficos: é pura ignorância, laxismo e desinteresse.

Preocupa-me a deficiente formação dos professores de Português (entre outras áreas do conhecimento) e o inusitado elevado número de erros de Português (sem falar de erros ortográficos) que surgem nas escolas de todo o país. Nunca, como hoje, houve tantos meios auxiliares para se escrever bem, desde corretores ortográficos ao acesso ilimitado que a internet permite.

Daqui a alguns anos todas as obras serão publicadas corrigindo a velha grafia e o vosso esforço de apego ao passado terá sido em vão.

Hoje ninguém quer ler Antero, Eça ou outros clássicos na velha grafia e o mesmo se passará convosco, esgotadas as falácias e a desinformação que vem sendo timbre da vossa oposição desenfreada ao AO 1990. Se a história for benevolente merecerão uma nota de rodapé ou nem isso.

aos saudosos pré-AO1990 ...ISTO SIM É PORTUGUEZ ¹⁰

Na noite amanhecendo para o domingo, primeiro dia do mez de maio do presente anno de 1808, tremeu a terra tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora... estando já parte do povo na Igreja deprecando a Deus nosso pai, houve outro abalo tão forte que fez fugir todo o povo da igreja, das 11 para as 12 do mesmo dia houve outro tremor, e juntamente um estrondo tão grande que a todos amortiso, e de repente se vio levantar uma grande nuvem de fumo sobre o mais alto monte da freguezia da Urzelina, no pico d' António José de Sequeira, e bem defronte da igreja de S. Matheus ..., e em breve tempo engrossou e subindo ao mais alto ceo fez arco sobre parte da freguezia das Manadas e da Urzelina, indicando um terrível castigo já mostrando nas redobradas e negras nuvens uns incumbrados montes, umas medonhas furnas.

Da bocca daquele vulcão saíam estrondos tão fortes e medonhos sem intervalo que convidavam aos habitantes d'esta ilha para juízo. Correu todo o povo a deprecar a Deos, porém logo o povo da freguezia da Urzelina se assustou deixando o seu vigário o rev. Barcellos só no adro da sua Igreja, e choveu tanta areia de tarde que ficaram as casas cobertas de areia e os campos d'ahi para cima ficaram com altura de 7 palmos, e as vinhas dos Castelletes até à Ermida de Santa Rita, da freguezia das Manadas, ficaram cravadas e as casas quasi abatidas com o pezo, sahindo immediatamente línguas de fogo do centro que chegavam aos ceos, deitando pedras ignitas de 8 palmos, em distância dum quarto de legoa, outras de 16 palmos em quadro, subindo à mesma altura cahiam como densos chuviros.

¹⁰ Na obra "Ilha de S. Jorge (Açores): Apontamentos para a sua História" está compilado um conjunto de descrições da erupção e dos acontecimentos que a rodearam. A mais extensa e circunstanciada deve-se ao padre João Ignácio da Silveira (1767-1852), então cura de Santo Amaro, que escreveu uma relação que o Dr. João Teixeira Soares publicou e, com variantes, o que João Duarte de Sousa seguiu.

CRÓNICA 151, PAÍS DIVIDIDO E INGOVERNÁVEL, 11 novº 2015

«Há, na parte mais ocidental da Ibéria, um povo muito estranho: não se governa nem se deixa governar!» Esta frase foi escrita por um general romano em serviço na Ibéria em carta enviada ao Imperador. É atribuída ao General Galba, um dos primeiros governadores Romanos na península, no séc. III antes de Cristo. ([LER CRÓNICA 66](#))

Tenho amigos de todas as cores do arco-íris e nem por isso deixam de ser amigos¹¹.

Há um princípio sagrado que sigo, sempre que posso, há décadas: política não se discute com amigos e família, ponto final. O país está como já estive em 1975 de Rio Maior para cima e para baixo, mas agora mais parece uma divisão futebolística entre o FCP e o SLB (Porto e Benfica para os que não seguem a bola). Todos têm opinião -bem ou mal fundamentada - e desculpem que lhes diga, a maioria dos que têm opinião fazem-me lembrar os “contristas”¹² O país descobriu, 40 anos depois de abril, que nas eleições legislativas não se elegia um governo, mas um parlamento...demorou tempo, mas ainda bem que agora sabem. Como não percebiam de aritmética e agora já vão tendo umas luzes, aprenderam que, quando não há maiorias, o governo se faz com minorias e alianças dos grupos com representação na AR. Ao contrário do que pensam, não há coligações boas ou más, valem o que valem e os votos de uns valem tanto como os restantes, gostemos ou não deles....

Este país onde tive a desdita de nascer e que nada me deu nestes 66 anos de vida, a não ser desgostos e muitos, é um país malformado, mal-educado, malpreparado feito de gente diversa: os que nasceram mais ou menos bem, como eu, a chamada classe média (alta ou baixa não interessa¹³), os trabalhadores, os empresários, os patos-bravos e arrivistas, os corruptos quaisquer que sejam as suas cores políticas (e felizmente para as minhas origens transmontanas, nem todos o são, embora avondem como dizem os galegos), os políticos de aviário (que jamais trabalharam um dia na vida e tiraram cursos esconsos em universidades dúbias, os que tentaram falsificar esses cursos e outros nem isso) e uma enorme massa humana a que se chama povo.

Este povo foi sistematicamente lavado ao cérebro, desde tempos imemoriais, sem jamais opor grande luta (exceto Viriato e Sertório) e foi subjugado por Romanos, Alanos, Suevos, Vândalos, Visigodos, Árabes, pela Santa Inquisição delatária (que deles fez um povo de “bufos”), pela Ditadura (de má-memória que deu 48 anos de obscurantismo em troca de alianças de paz com alemães, franquistas, americanos e britânicos para encher os cofres de ouro que não investiu). E este povo, que encontrou a liberdade e a confundiu com libertinagem, e se deixou liderar por gente sábia na arte de roubar (lembram-se dos dinheiros da formação profissional da Europa que serviram para comprar carros de alta gama?), hoje vive satisfeito consigo e com a liberdade que nunca soube interpretar. Nada aprendeu, a não ser substituir o fado, futebol e fátima, por mais fado, futebol e fátima, ao som de música pimba (quanto mais ordinária melhor), com telenovelas que fazem sonhar vidas que nunca terão, e inebriado pelo voyeurismo de Casas do Big Brother e da Quinta (onde a depravação e o sexo são a moeda corrente, e quanto mais melhor), totalmente anestesiado e tão inculto como no tempo do Salazar, embora agora seja senhor doutor, engenheiro, arquiteto e médico graças à massificação do ensino. Um povo que nunca cuidou de se educar, de ter formação pessoal e profissional capazes (os governantes nunca o quereriam nem deixariam: quanto mais incultos mais manipuláveis), sem gosto na sua história, na sua língua e na sua cultura, sempre se confundiu com atividades circenses, fossem elas touradas ou futebol. Um povo anónimo como aquela mulher de Ponta Delgada que ontem mesmo dizia “eu não vou lá muito com a cara dele”¹⁴ e assim faz as suas opções políticas, mal dissimulando o seu racismo, xenofobia e preconceitos seculares, é este povo que vota e assim faz as escolhas sobre quem o vai governar... havendo outros que estarão ainda menos informados no seu analfabetismo disfuncional.

Olho pela janela e as brumas não auguram a chegada de nenhum Sebastião, desejado ou não. São apenas brumas e o Sebastião jamais chegará em dias de nevoeiro e mesmo que chegasse não salvaria o país. Está visto, o país partiu. A direita é direita, é direita. Porque sim. São dois quintos. A esquerda é esquerda, é esquerda. Porque sim. São três quintos. O centro, onde eu julguei que estava, desapareceu e agora? Dito isto, eu que (deixei de ser monárquico aos 16 anos) sempre me coloquei no quadrante à esquerda, definindo-me (e ainda sou) social-democrata à moda sueca dos anos 70 (mas isso já não existe, dizem-me do lado!).

Direi também que comunistas e fascistas não têm grande simpatia ou estima na minha classificação (que me perdoem os bons amigos comunas, os outros não, a menos que sejam da família e como todos sabem a família não

11 por chorarem a queda do governo Passos Coelho, ou por festejarem como um novo abril a coligação do PS, BE e PCP

12 Opositores do AO 1990, que sem lerem o AO 1990 falam de factos e fatos, de pactos com patos, cágados e cagados, sem jamais terem lido nada sobre as mudanças do AO 1990 e confundindo léxico com ortografia.

13 mas já interessou, pois, no meu tempo eu ia para o Liceu e os menos felizes para as escolas técnicas, comerciais, industriais, ou nem isso...

14 porque o putativo candidato a primeiro-ministro (de origem goesa) é “diferente”. Houve quem escrevesse no Facebook que deveria ir vender chamuças e tandoori, forma dissimulada de lhe chamar monhé...

se escolhe, nasce-se com ela como com um fato à medida, que depois quando a gente cresce pode sempre ir a um pronto-a-vestir e mudar de fato).

Há, no entanto, coisas que aprendi aqui e na minha Austrália e das quais não abdicó, são princípios sagrados, dos poucos que ainda sobrevivem e aos quais me agarro.

Acredito na democracia participativa e aceito o voto da maioria mesmo estúpida, iletrada e portuguesa.

Acredito que o mérito é a única unidade de valor que interessa e não o compadrio, a cunha, o senhor doutor parolo da sociedade em que cresci. Acredito que um país só é governável quando se rege pelos superiores interesses do país e não pelos interesses do partido, amigos e demais associados, "boys and girls".

Se é corrupto, prenda-se, julgue-se, sentencie-se e deite-se a chave fora. Os corruptos não têm reabilitação possível, mas obriguem-nos a trabalhar e a produzirem para a sociedade nem que sejam caixas de fósforos (esqueci-me de que já não se usam...pode ser, telemóveis, limpar matas, arar campos desertos, reabilitar casa devolutas...há tanto para fazer e poucos para o fazerem).

Acabem com as reformas milionárias, imerecidas ou injustificadas por deduções salariais. Todos devem contribuir com descontos para a reforma, iguais aos que o estado deve colocar em fundos especiais, mas sem serem colocados em fundos de especulação bancária ou financeira.

O RSI - rendimento de inserção social ou mínimo, como quer que se chame hoje em dia - deve sempre contribuir para bonificar os que mais precisam, que o devem retribuir em trabalho para a sociedade, na medida das suas possibilidades e não para ficarem em casa a ver televisão.

Qualquer obra pública não pode ter derrapagem de custos, devem ser responsabilizados os culpados aplicadas coimas e deve ser indemnizado quem merecer ser.

As viaturas de estado devem ser reduzidas ao mínimo indispensável para o normal funcionamento dos serviços e não para a brutal ostentação inútil que se assiste em qualquer autarquia, repartição pública, ministerial, etc. Na Austrália deslocava-me nos transportes públicos juntamente com membros do parlamento, ministros, etc....e os parentes nunca estiveram na lama...

A justiça deve ser feita de raiz ser célere e sem admitir prescrições...

Estado Social sim, mas com regras e inspeções (vejamos este exemplo a que assisti quando cheguei da Austrália, as casas sociais perto da minha no Porto, onde viviam pessoas sem posses, estavam todas com antenas parabólicas e carros melhores que o meu...isto em grupos familiares que não tinham rendimentos. Essas pessoas comiam diariamente nos cafés e restaurantes, coisa que eu não podia a não ser excecionalmente), algo me diz que a distribuição é injusta e não fiscalizada.

A minha ética é o trabalho e se trabalho "pro bono (graciosamente)" nos colóquios da lusofonia e atividades paralelas, é a opção que não me remunera materialmente, mas me dá o prazer que o trabalho pago nunca me deu. Opções que não imponho a ninguém. Quando trabalhava por conta de outrem dei sempre mais do que recebi, na função pública ou na privada. Raramente vejo isso nos que me rodeiam, exceção feita à mulher que me aceitou a meio da vida e a uns tantos que conheço. O restante (falo dos professores agora, para exemplo), são uma desgraça. Deveriam ser expulsos se houvesse sistemas de mérito na progressão de carreira e verificação de competências. São professores porque não podiam ser mais nada e não pela dedicação à nobre e decadente arte de ensinar. Entendo que o trabalho deve ser justamente remunerado e a carreira deve ter progressão, de acordo com o trabalho desenvolvido onde tudo é mensurável. Assim, os melhores devem ser recompensados, os maus retreinados ou formados, caso contrário, reformas compulsivas, sem apelo nem agravo. Na Austrália os funcionários públicos eram avaliados assim e progrediam graças ao mérito. Era um sistema mais justo em que as sugestões dos funcionários iam até aos ministros, que muitas vezes, eram forçados a mudar as normas "Top Down" pois não funcionavam na prática e ninguém melhor do que os que estão na linha da frente para avaliar o impacto das mesmas. Hoje, no ensino (e função pública, em geral) qualquer norma é rejeitada por ninguém querer mudar nem ter mais trabalho, os funcionários públicos regem-se pela lei do menor denominador comum ou do menor trabalho útil.

O parlamento britânico tem condições frugais para funcionar e labora melhor que o português, sem computadores, mal cabem nos lugares sentados, apinhados, sem gabinetes, nem telefones nem toda a parafernália eletrónica da Assembleia da República. Na Suécia os deputados de fora têm direito a um miniapartamento de frugal conforto, que é tudo o que necessitam. Cá, há subsídios, mordomias, e o maior escândalo são os preços do caviar e do champanhe, quase gratuitos, no bar da Assembleia. Isto sem falar dos carros de luxo e viagens em classe executiva. Na Austrália, os transportes públicos são para todos e diariamente viajavam comigo ministros e altos funcionários do governo estadual sem os parentes caírem na lama.

Em terras de Portugal jamais esquecerei a cena ridícula dos ninjas que acompanharam (o então mais breve primeiro-ministro da História de Portugal) Pedro Santana Lopes para o protegerem de ameaças, quando foi numa visita relâmpago de 48 horas, (2004 ou 2005) a Bragança, com carros blindados, a guiarem na contramão para o levarem à Estalagem de S. Bartolomeu onde estava alojado, ... uma cena à faroeste.... Ora, como todos sabem,

Bragança é um coio de terroristas do ISIS e Al-Qaeda. Ali ninguém se desloca sem batedores da polícia, guarda-costas e secretas como se fossem o Presidente dos EUA ou de Angola... vá lá o diabo tecê-las e serem atingidos por uma alheira, butelo ou – quem sabe? – uma posta mirandesa.

Dito isto falta tecer considerações aos anos de tortura do Governo sob a troica, manietado pela banca internacional de agiotas que tenta reger o planeta. Um governo bem-comportado que foi para além das exigências da troica e FMI, sem cortar um avo que fosse aos privilégios dos governantes, aos desmandos da banca e a outras benesses. Se ao menos ao fim desse período tivéssemos a certeza de ir ficar melhor o país e as gentes, ainda se compreendia o esforço, mas sabemos, de antemão, que de nada serviu e tudo continua na mesma.

Tudo à custa das classes trabalhadoras, a quem se retiraram direitos, feriados, salários, a quem se congelaram salários e pensões, se reduziram os benefícios arduamente conquistados depois das longas trevas da Ditadura, de promessas nunca cumpridas e de aumentos exagerados de impostos aumentando o fosso entre ricos e pobres, condenando milhares de portugueses a emigrarem, despovoando ainda mais um país envelhecido, reduzindo a quantidade de pagantes de impostos enquanto se aumentavam o número de milionários por meios obscuros e indignos para não dizer ilegais. Que o digam a Porsche e a Ferrari.

É o esquema 40-40-40: Faz alguém ficar rico, trabalhas 40 hrs semanais por 40 anos e reformas-te com 40% daquilo com que não podias viver quando começaste a trabalhar.

Ora esse governo insensível entreteve-se a dar ao desbarato (em troca de luvas e outras benfeitorias) tudo o que era nosso e tinha valor para os estrangeiros cobiçarem, hoje já há muito pouco de Portugal nos produtos portugueses. Quase tudo que leve o nome português pertence a estrangeiros.

Se as joias da coroa fossem bem vendidas ainda se admitia a privatização, mas dar ao desbarato coisas que nós pagamos exorbitantemente é um crime de lesa-pátria. Primeiro começavam uma campanha contra a ineficiência de qualquer bem a vender, cortavam-se os meios de terem lucros e de funcionarem e depois entregavam-se de mão beijada aos amigos e aos que mais luvas pagavam. Foi assim com a EDP, REN; TAP; CTT, etc., ficou a ponte Vasco da Gama, a torre de Belém e os Jerónimos e pouco mais, e mesmo esses iriam a seu tempo ser vendidos, que disso não restam quaisquer dúvidas. Escravizado, o povo português vendido a chineses e a outros, cada vez tem menos serviços, menos saúde, menos justiça, menos educação e mais facilmente se manipula, aceitando a caridadezinha que era apanágio do Salazar. Um quarto da população vive em níveis de pobreza extrema, aumentaram os sem-abrigo, os destituídos, e sobretudo e isso não perdoou, hipotecou-se a ESPERANÇA.

Sim, sei que sou um poeta (até Adriano Moreira quando nos encontramos pela primeira vez em Bragança 2008), utópico e idealista, individualista, hedonista, mas se há coisa que não perdoou foi roubar A ESPERANÇA às novas gerações. Nem Salazar conseguiu fazer isso à minha geração, pois havia a guerra colonial, havia um regime decrépito, mas tínhamos a ESPERANÇA e agora os nossos filhos e netos não têm isso, nem sabem o que é, dado que foi hipotecado o futuro. Como bom poeta, se fosse anárquico sempre podia desejar o caos absoluto, aprês moi le déluge, diria mesmo, um terremoto maior do que o de 1755 para reconstruir o país todo do zero, mas isso era improvável. Sonho com isso desde os tempos de Liceu... Assim temos de nos contentar com os que cá estão, a menos que os consigamos prender todos ou expatriar. Não aceito que se venda o país a retalho sem mexer nos privilégios dos ricos e poderosos e se mande sempre a fatura aos mesmos? Não concordo que se faça o povo pagar os erros dos bancos em vez de se fazer como na Islândia onde se prenderam os banqueiros e se venderam os bancos para reembolsar os que foram vigarizados por eles?

Sou europeísta e acreditei no sonho dos fundadores da Europa, como solução para um continente que assistiu a séculos de guerras, incessantes e inúteis como sempre, mas não votei numa Europa manietada pelo grande capital agiota para nos retirar a liberdade e a soberania. Não é essa a Europa a que quero pertencer, uma fortaleza anti-imigração que se deixa corroer de dentro pelo avanço do islamismo fundamentalista sonhando com islamismos moderados que não existem. Uma Europa que vê primaveras árabes ao fundo do túnel do petróleo, com isso faz desabar ditadores e abre escancaradamente as portas a uma emigração que mais ninguém vai conter, a não ser pela força das balas e dos naufrágios inúteis no mar mediterrâneo. Uma Europa aliada dos EUA a formar e a armar grupos como a Al-Qaeda, ISIS que depois, alegadamente, fogem ao seu controlo para se tornarem em vilões como Saddam, bin Laden e outras invenções americanas (os EUA estiveram em guerra 222 anos dos últimos 239).

Nunca acreditei na troica e no FMI como solução dos problemas, dada a experiência deles em destruir países e condenar povos à miséria escravagista do capitalismo selvagem. A austeridade nunca foi receita para ninguém, nem faz crescer a economia para dar mais lucros aos agiotas. Ao contrário dos amigos liberais e neoliberais sou contra toda e qualquer austeridade, mas não sou contra o rigor, nem contra o despesismo balofo, a ostentação, o novo-riquismo.

Esqueci-me de dizer que também não acredito nas tretas de direita e esquerda, pois não creio em nenhum político honesto (é como acreditar numa prostituta virgem!), nem imagino que o governo possa fazer grande coisa.

Quanto ao resto quero que os corruptos sejam condenados e presos, que o sistema bancário mundial seja rapidamente aniquilado...

Não, não me entendam mal, eu até acredito no capitalismo, mas mais à moda antiga, aquele que investe os lucros para criar maior riqueza para todos, como dantes acontecia. Pelo que vi do comunismo há sempre uns mais iguais que outros. Ainda acredito na social-democracia à moda sueca dos anos 70, que era assim que imaginava o socialismo à portuguesa, onde o estado complementa a iniciativa privada e a liberdade individual em vez de a tolher com normas estúpidas como o tamanho dos tomates ou dos chicharros.

Ainda acredito no ensino universal e gratuito para todos os que tiverem valor e não para os que querem apenas o canudo e o axiónimo Dr. ou Eng.º ou quejandos. Acredito que qualquer país só pode evoluir quanto mais culta for a sua massa populacional, eu disse culta, não disse com canudos de Bolonha...

Acredito em qualquer país que gaste mais no orçamento da cultura do que na defesa, acredito em qualquer país que preze a sua história e a preserve através da recuperação dos monumentos e tradições orais ou qualquer outra forma, que não sejam touradas e demais falsas culturas circenses...caso contrário que volte o autêntico e original circo de Roma com muitos leões para lá deitarmos os nossos políticos na arena. Quanto a guerras determino que em vez de mandar a juventude para a guerra devemos estabelecer normas de duelo entre os políticos dos países beligerantes, podendo estes escolher as armas, sejam elas luta livre, corpo-a-corpo ou xadrez.

Com ESPERANÇA posso voltar a sonhar e sem sonhos a vida não merece ser vivida.

CRÓNICA 183 DA FORMAÇÃO ILEGAL DO REINO À COMPRA DE DIPLOMAS 24 setº 2017

E por último, uma certeza de que há muito suspeitava. Há cursos e diplomas que são comprados por tuta e meia. Ontem de tarde, uma jovem, alegadamente moradora na Lomba da Maia, bateu à nossa porta a pedir para falar com um dos professores. Resumidamente o que ela queria era pagar para um de nós lhe fazer uma prova escrita de avaliação que tinha de apresentar para ter o 12º ano do ensino profissionalizante ou idêntico.

Ficou admirada com a nossa rejeição e dizia, mas eu pago, eu pago. Nem nos demos ao trabalho de saber se queria pagar 5, 10 ou 20 euros pelo trabalho, enquanto ela insistia que todos os outros faziam isso e que ela não sabia pôr em palavras dela as respostas ao teste. Não sei a que porta foi bater a seguir, (há mais professores na Lomba) mas sei que há mais alguém que vai tirar um canudo por trabalhos que não fez e um dia dirá que tem o 12º ano embora os seus conhecimentos não passem de uma 4ª classe na designação antiga do 4º ano de escolaridade.

Nem comento mais.

CRÓNICA 188 ... NÃO VOU FALAR DE RANKINGS DAS ESCOLAS, MAS...DE 3 OU 4 COISAS QUE ME PREOCUPAM 6 fevº 2018

Em 2005 numa conferência no ISAG Porto quase enfureci a assistência de catedráticos ao dizer que não gostava que a maior parte dos professores que a minha mulher estava a formar na ESE IPB em Bragança viessem a ser professores do meu filho mais novo. Salvo poucas e honrosas exceções como o João Pedro Caravaca (e a culpa nem era deles) estavam tão incultos e impreparados que seriam uma desgraça como professores. Isso foi em 2005, hoje, aquela premonição peca por otimista. Em 2005 o meu filho mais novo chegou a S Miguel para acabar a antiga 4ª classe (4º ano de escolaridade) e no primeiro ano regredira já em tudo à medida que se integrava neste meio escolar. Desde há muitos anos (décadas) que venho propugnando para que aos maus professores, incompetentes, impreparados sejam facultadas ações de formação obrigatórias e caso não se adaptem que sejam expurgados da classe.

Defendo a meritocracia que vivi na Austrália que premeia os resultados e os esforços (mesmo que seja fora da caixa = *outside the box*) em vez de termos umas avaliações de professores, tipo faz-de-conta, que ninguém quer e para nada servem. Lamento, mas nem todos nasceram para ensinar.... Também, ao contrário do que vem sendo anunciado desde 1974, nem todos nasceram para aprender. Nesta fase de rápida mudança, assistimos a um ensino que se assemelha ao do século XIX, mas sem os castigos corporais, as orelhas de burro, as palmatoadas, etc. Assiste-se a um total desrespeito pela Escola e pelos professores, quer por alunos, por pais e pela sociedade em geral. De ano para ano assiste-se a um menor rendimento e preparação dos alunos, e creio que tal se deve ao desaparecimento da velha guarda de professores primários da Escola do Magistério. Depois, há a necessidade e a obrigatoriedade passar os alunos, custe o que custar. Recentemente, surgem, cada vez mais, casos de alunos com

necessidades especiais que servem para justificar a integração nos quadros de pessoal docente com cursos de “necessidades especiais”. Os professores são tradicionalmente avessos à mudança, não se cultivam nem fazem formação pessoal e profissional capaz (e a culpa nem é só deles), gostam de engrenar a sua rotina de ensinar e repetem modelos exaustos, anualmente modificados, alterados, atualizados...por outro lado, cada vez tem menos tempo para ensinar e preparar aulas, gastam enormidades de tempo em reuniões improfícuas sobre tudo e mais alguma coisa além das constantes alterações da tutela. Os alunos de meios desfavorecidos (rurais ou urbanos) não têm ao seu alcance alternativas de ensino, andam contrariados, desmotivados e muitas vezes não querem mesmo aprender.... O resto direi noutra altura...

CRÓNICA 194 DA DESINFORMAÇÃO ANESTESIANTE 5.6.18

Já mais animadoras eram as novidades de que 45% dos alunos portugueses não conseguiam colocar Portugal num mapa da Europa, Saramago sorriu finalmente tranquilo pois era sinal de que a jangada de pedra ia finalmente longe no mar alto, longe da Europa. Nos Açores a maioria dos alunos nem sequer sabe onde ficam as ilhas de baixo ou de cima... e ainda por cima disso 50% eram incapazes de saltar à corda, perícia indispensável para progredir na vida...

O ministro das Finanças autorizou que os salários dos novos membros do Banco de Portugal sejam aumentados em 50%, mas o mesmo governo, pelo seu iluminado ministro da educação, chantageando os professores ameaçava cortar 6 anos e meio de contagem de serviço. E o primeiro-ministro reiterava: “não ser possível acordo com “posição intransigente” de sindicatos de professores, frisou, reiterando que a proposta do Governo permitiria contar dois anos, nove meses e 18 dias.”

Quanto a isto resolvi propor: ATT PROFESSORESDESFAÇAM-SE DOS 23 SINDICATOS E CRIEM UMA ORDEM DE PROFESSORES....ou continuem mais desunidos que nunca e sem conseguirem nada do que é justo. Infelizmente não auguro sucesso algum a esta minha proposta, que desagradaria ao governo, aos sindicatos e aos seus líderes (que apenas cuidam de manter as suas mordomias e já nada entendem de ensino pois não o praticam há décadas) e permitiria que os professores falassem a uma só voz na defesa dos seus legítimos interesses.

Neste 10 de junho não está prevista a participação de alunos das escolas na preparação do evento, mas como escrevia Terry Costa há dias “O melhor TPC são visitas a locais de interesse como museus, parques naturais, centros de arte, e ainda, crianças que passam horas extracurriculares em programas artísticos conseguem melhor no seu dia-a-dia escolar. Então porque não se muda o sistema? Mais artes, mais sucesso!”

Badana direita



J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Alemão, Galego-Português, Brasileiro (carioca) do lado paterno, Português e marrano do materno.

Publicou em 1972 o livro “Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (*A Voz de Timor, Díli*) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria. Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até agora dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau. Também foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista (Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários). Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul). Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Leccionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatas a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005)

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese “Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975” (ensaio político), esgotado ao fim de três dias. Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia “Crónicas Austrais 1976-1996”. Em 2005 publicou o “Cancioneiro Transmontano 2005” e publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia “Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter”.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (*Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos*), de Manuel Serpa (*As Vinhas do Pico*), Victor Rui Dóres (*Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel*).

Em 2011 traduziu a *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês* e em 2012 de Caetano Valadão Serpa “Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.”

Desde 2005 traduziu excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia.

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia “Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado)” cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia **Crónica Açores: uma Circum-navegação** (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia **Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de **Crónicas Austrais 1978-1998**, e nova edição completa dos 3 volumes da **Trilogia da História de Timor**

Em 2017 lançou o seu opus magister *Bibliografia Geral da Açorianidade* em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Traduziu em 2018 a obra premiada de João Morgado “Vera Cruz”.

Lançou em 2018 fotoemas foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <http://www.blurb.com/bo-oks/8752953-fotoemas>

Nesse ano fez a revisão e compilação de *Missionários açorianos em Timor vol. 2* de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, publ. Letras Lavadas

Prepara mais obras para publicação 2018-19

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Roussia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online, e preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

chrys@lusofonias.net

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html>